

O Cobertor de Papa

e as Campainhas de Bronze de Maçainhas



O Cobertor de Papa

e as Campainhas de Bronze de Maçainhas

OFERTA



Ficha Técnica

Título

O cobertor de papa e as campainhas de bronze de Maçainhas

Edição

Câmara Municipal da Guarda | Núcleo de Animação Cultural
e Junta de Freguesia de Maçainhas

Coordenação

Américo Rodrigues

Produção

Ana Maria Barbosa

Textos

Elisa Pinheiro, Casimiro Dias Morgado e Alberto Correia

CD

Maçainhas, pelo projecto Campanula herminii

Tradução

Ana Silvia Torres Oliveira

Fotografias*

Arménio Simão Bernardo

Direcção gráfica

Sérgio Currais

Execução gráfica

Tondelgráfica

ISBN

972-8813-17-1

Depósito Legal

207337/04

Agradecimentos

José Pires Freire, José António Santos Silva,
Antónia Morgado, António Bernardo da Fonseca,
Maria do Céu Reis

Tiragem

1000 exemplares

Fevereiro de 2004

* Fotografias ilustrativas do texto de Elisa Pinheiro: Museu dos Lanifícios (UBI) - 2004

A reprodução total ou parcial desta publicação, por qualquer meio, não autorizada por escrito pelo editor, é ilícita e passível de procedimento judicial nos termos da lei.

Freguesia de Maçainhas

Casimiro Dias Morgado

Foi outrora conhecida por Freguesia de Nossa Senhora da Fumagueira e, agora, denominada “Freguesia de Maçainhas” - Guarda. É constituída pelos “lugares” de Maçainhas de Baixo, Maçainhas de Cima, Chãos, Cubo, Prado e Gulifar. Seu termo confronta a norte com o das Freguesias de S. Vicente e Sé da Guarda, a nascente com o de Vale de Estrela, a sul com o da Corujeira, a poente ainda com o desta freguesia e com os de Pero Soares e da Faia. No âmbito da Geografia Física Natural, poder-se-á dizer que a área da Freguesia de Maçainhas corresponde, em rigor, à das bacias hidrográficas dos ribeiros d’El Rei e de Maçainhas, que nascem e correm dentro do seu alfoz, antes de lançarem as suas águas na albufeira da Barragem do Caldeirão-com excepção apenas do limite sul, que se debruça, até meia encosta, sobre a Ribeira do mesmo nome, antes desta entrar na albufeira. No aspecto meramente orográfico, o seu território é muito acidentado, com uma altitude média de 830 metros, cujos pontos mais elevados se situam nas CABEÇAS ($\Delta 916$), BARROCAL DA FUMAGUEIRA ($\Delta 980$) e FORTE VELHO ($\Delta 1068$), respectivamente a N., NE. e E. de Maçainhas, faz parte do prolongamento nortenho da Serra da Estrela na margem direita do Rio Mondego e por isso se integra, em grande parte, no “Parque Natural da Serra da Estrela”.

Vestígios Pré-Históricos

Os fenómenos da Glaciação – aliás alternativos com outros de natureza contrária – ocorridas na Europa durante os Paleolíticos Médio e Superior (cerca de 70.000 a 8.000 a.C.), não atingiram a Península Ibérica com a intensidade verificada noutras regiões europeias e em Portugal apenas foram encontrados vestígios de glaciação (arredondamento e aplanção de rochas) na Serra da Estrela, em cumes altos e alguns glaciares, dos quais o mais extenso é o do Vale do Zêzere, com 13 quilómetros (Adriano Vasco Rodrigues - “Os Lusitanos”, 1998). Deste modo, não admira que, no actual território português, a base de alimentação das comunidades humanas desse período não fossem as manadas de renas, mamutes e rinocerontes que viviam nas tundras flanqueantes, pelo sul, das calotes glaciares, mas, sim, bovinos, equinos, ovinos, caprinos, cervídios e outros animais de pequeno porte – como nos dão testemunho as figuras rupestres do Vale do Côa e as pinturas de igual natureza da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo). Todavia, após o fim da última glaciação há cerca de 10.000 anos a.C., a temperatura começou a subir e as florestas (primeiro a das plantas coníferas e, depois, a das folhosas) fo

ram tomando o lugar das pastagens destes animais, ocasionando a diminuição progressiva dos mesmos e obrigando o ser humano, para sobreviver, a dedicar-se também à pesca e recollecção de mariscos e produtos vegetais. Quanto a estes últimos, concluiu o homem ser necessário secar e guardar parte deles para complementar a sua dieta alimentar nas estações invernosas. Acontecia, porém, que alguns frutos, como a bolota e a castanha, depois de secos endureciam muito, tornando-se difíceis de mastigar e digerir e, por isso, passaram os mesmos a ser triturados com um calhau, após serem colocados em pequenas covas, abertas para o efeito na rocha virgem e submetidos em seguida à acção indirecta do fogo.

Relativo, certamente, a esta fase de transição para as comunidades agro-pastoris, designada por “Mesolítico” (8.000 a 5.000 a.C.) e, também, para o fim atrás indicado, existem no termo da Freguesia de Maçainhas duas covinhas numa rocha das “Galegas”, junto da estrada municipal para Vale de Estrela, e outra, um pouco maior, numa laje isolada da encosta sul do “Barrocal da Fumagueira”, cerca de 500 metros a NE. de Maçainhas de Cima.

No início da Idade da Pedra Polida (“Neolítico Antigo”-5.000 a 3.800 a.C.), com a invenção da agricultura e a aprendizagem da domesticação dos animais, o homem passou de ser “activo” (caçador) a “passivo” (agricultor e pastor) e, para melhor se defender do seu semelhante, escolhia, normalmente, os sítios altos – por apresentarem melhores condições naturais para o efeito – para se instalar e reforçava-os com grossos muros envolventes. Assim, devem ser do Neolítico Final (2.700 a 2.500 a.C.) os pequenos povoados fortificados de altura, que o General João de Almeida, na obra “Roteiro dos Monumentos Militares do Concelho da Guarda” (Δ1942), em face da existência de grandes blocos de granito em alguns desses locais, certamente utilizados na construção das muralhas circundantes, tenha considerado aqueles como “castros familiares ou de povoamento” dessa altura. Mais recentemente, porém, têm surgido arqueólogos que, em consequência de terem sido entretanto encontrados nesses sítios outros elementos informativos (alicerces de casas, cerâmica, etc), classificam esses mesmos “habitats” como datáveis do Bronze Final (1.100 a. 700 a.C.). Todavia, é muito possível que tanto aquele militar como estes arqueólogos tenham razão, umas vezes por se tratar de casos de persistência de ocupação habitacional do mesmo lugar ao longo de vários séculos e outras de alargamento posterior do núcleo inicialmente ocupado.

Ora, dentro dos limites da freguesia há vestígios de três povoados fortificados de altura, que o General João de Almeida toma por “castros neolíticos”, a saber:

- a) **Castro da Fumagueira:** Ficava no cimo do monte das CABEÇAS (Δ916), a 500 metros a W. da Igreja da Fumagueira, numa posição intermédia e dominante dos vales em que correm

os ribeiros do Cubo e de Maçainhas, os quais confluem na Barragem do Caldeirão, e dele existem ainda hoje vários “blocos ciclópicos” no lado poente do terraplino que cerca a elevação;

- b) **Castro de Maçainhas:** Situava-se no outeiro da PORTELA ($\Delta 846$), a cerca de 1.000 metros a S da povoação de Maçainhas de Baixo, numa posição dominante do colo de ligação dos vales do ribeiro de Maçainhas e da ribeira do Caldeirão, restando do mesmo um pequeníssimo troço do muro, da banda do SW.;
- c) **Castro do Forte Velho:** Existia numa pequena elevação ($\Delta 1066$), situada a 3 quilómetros do Castelo (Torre de Menagem) da Guarda e a 2 quilómetros a E de Maçainhas de Baixo, sobre a linha de separação das águas dos rios Coa e Mondego, e na qual o Marquês de Alorna, em 1801, mandou construir um “reduto abaluartado”, em que foram reutilizados alguns “blocos ciclópicos” do primitivo castro nos alicerces.

Vestígios do Domínio Visigótico

No Bronze Final e 1ª fase da Idade do Ferro (1.100 a 500 a.C.) os habitantes da Península Ibérica abandonaram o rito até ali usado de “inumação” (enterramento) dos mortos, passando a adoptar o da “incineração” (queima) dos corpos com deposição posterior das cinzas em urnas, trazido pelas grandes migrações terrestres de povos de origem indo-europeia ocorridas no I milénio a.C.- modalidade esta que os próprios Romanos seguiram. Porém, os cristãos reintroduziram na Europa o rito da inumação, primeiro, clandestinamente, nas catacumbas de Roma e, por forma livre, após o Édito de 313 do Imperador Constantino, que instituiu a liberdade religiosa no Império Romano.

Relacionadas com a reintrodução do rito da imunação em Portugal existem na área territorial de Maçainhas duas sepulturas antropomórficas escavadas em rochas e sem vestígios de utilização de tampas, datáveis certamente do domínio visigótico (séc. V a VIII), as quais apresentam as seguintes características:

- a) Sepultura situada a 200 metros a N. da Quinta da Tapada Nova: - comprimento 1,70m; largura 42cm na cabeça e 40 cm nos pés; profundidade 30cm na cabeça e 40cm nos pés;
- b) Sepultura existente 200 metros a S. da mesma quinta: - comprimento 1,85m, largura 60cm na cabeça e 44cm nos pés, profundidade 22cm na cabeça e 29cm nos pés.

Da Idade Média à Actualidade

Os lugares mais antigos

Segundo refere Frei Baltazar dos Reis (“Fundação do Mosteiro de Salzedas” 1934), D. Tereza Afonso, mulher de Egas Moniz, aio de D. Afonso Henriques, mandou fundar no “Couto de Algeriz”, junto ao rio Varosa e um pouco a juzante da vila de Ucanha, dois mosteiros, ambos sob a invocação de “Santa Maria de Salzedas”, e que doou à Ordem de S. Bento, um em 1126 e outro no ano de 1159. Não obstante estas coincidências e o facto de estarem separados apenas por um quilómetro de distância, a partir da doação do último e até à extinção do primeiro, cerca de 1460, fizeram sempre os dois mosteiros vidas monásticas independentes, quer no campo espiritual, quer no temporal. Durante os séc. XII e XIII, ambos os Mosteiros receberam doações de terrenos, compraram ou trocaram propriedades nas Beiras e no Minho e delas fizeram depois “prazos” (aforamentos) a pessoas que se dispunham a cultivá-las mediante o pagamento de um tributo em géneros ou o seu equivalente em dinheiro. Assim, do “Lugar de Maçainhas” receberam ambos os Mosteiros de Santa Maria de Salzedas, a partir de 1202, doações perpétuas de terras de que mais tarde fizeram aforamentos, e dos registos feitos destes actos nos respectivos livros resultaram informações relevantes para o conhecimento dos lugares mais antigos da actual freguesia, os quais a seguir se indicam:

1. Maçainhas

Conforme se verifica das doações feitas ao 2º Mosteiro de Salzedas, entre 1202 e 1208, este pequeno povoado já existia nessa altura e, por uma outra doação datada de 1350, se infere que o mesmo devia ficar próximo do lugar de Santa Eufêmia. Este último facto vem mais tarde a ser confirmado por uma lenda narrada pelo investigador Padre José Quelhas Bigotte, na obra “O Culto de Nossa Senhora na Diocese da Guarda” (Δ1948), quando nela se diz que “a antiga povoação de Maçainhas se situava na encosta voltada a nascente, no local onde hoje está a Igreja (de Nossa Senhora da Fumagueira), distante cerca de meio quilómetro de Maçainhas de Cima”. É natural que os moradores deste primitivo «lugar de Maçainhas», estabelecido num sítio baixo da encosta leste do monte das Cabeças e junto de terrenos férteis, fossem os descendentes dos habitantes do “Castro Neolítico” existente no alto da mesma elevação e que para este local se tivessem mudado no longo período da “Pax Romana” e procedimentos desta natureza - descida dos povoados fortificados de altura para a proximidade de bons terrenos agrícolas - ocorreram também durante o domínio romano em muitos outros “Castros” do distrito da Guarda (casos de Marialva e Devesa, do Cabeço das Fráguas e Quinta de S. Domingos, da Serra da Opa e a povoação da Senhora da Póvoa, etc.).

2. Azual

Durante a reconquista cristã, quando um chefe muçulmano importante realizava uma “algara” (incurção profunda de cavalaria) em território nacional e estadiava em algum lugar, era costume do povo passar a designar esse local pelo nome (corrompido) daquela individualidade (veja-se, o exemplo da “Serra de Almançor”, a SW. de Trancoso). De acordo com o que consta do aforamento feito pelo 1º Mosteiro de Salzedas, em 1306, de “seis casais e uma seara de vinha”, na Teixeira, termo da Guarda, existia já então neste sítio um pequeno lugar habitado, denominado “Azual”. Ora, segundo o arabista e investigador Martim Velho, na obra “Estudos Críticos sobre a Batalha de Ourique” (Δ1989), o topónimo azul não é mais do que a corrupção popular do nome árabe “Az Zubayr” do principal rei mouro, dos cinco derrotados por D. Afonso Henriques em Ourique, no ano de 1139.

É por vezes referido na nossa História que um rei mouro, de nome Osmar (outra corruptela de Az Zubayr), sabendo que D. Afonso Henriques se encontrava na Primavera de 1140 em campanha na Galiza, aproveitou a ocasião para se vingar da derrota sofrida no ano anterior invadindo o território português, o que o levou primeiro à conquista e saque do Castelo de Leiria e depois, segundo alguns historiadores, a pôr cerco a Trancoso. Esta povoação, no entanto, terá sido salva pela pronta intervenção de D. Afonso Henriques que, vindo do Alto Minho, atravessou o Douro em frente de Lamego e escorraçou os mouros que assolavam o “distrito” de Trancoso, tendo, ao voltar para o Alto Minho, lançado a primeira pedra da fundação (ou refundação) do Mosteiro de Tarouca, na presença das suas tropas.

Nestas circunstâncias, o rei mouro Az Zubayr terá sido obrigado a regressar directamente dali a Sevilha e, depois de transitar pela povoação de Açores e Castro do Tintinholho, ido acampar no fim da primeira etapa, num local próximo do riacho da Teixeira, o qual passaria desde então a ser conhecido por “Azual”. A retirada, naturalmente, prosseguiria em direcção a Barreiras (Famalicão Velho), onde alcançava a “estrada militar romana” que o conduziria, por Valhelhas, Centum Cellas, Caria, Medelim, Ponte de Alcântara (sobre o rio Tejo, em Espanha), Cáceres e Mérida, a Sevilha.

3. Granja de Maçainhas

Com os terrenos que lhe foram doados e outros adquiridos pelo próprio, formou o 2º Mosteiro de Salzedas a sua “granja” de Maçainhas, na parte sul do termo do “lugar de Maçainhas”. Em 1210, este Mosteiro aforou aos moradores da mesma o cultivo das terras que a constituíam, mediante o pagamento, por parte destes, do “quinto” e “dizimo” das colheitas, ficando o Mosteiro com o encargo de lhes arranjar quem lhes desse assistência religiosa.

4. Moinhos

Este lugar ainda hoje assim é designado e situa-se na margem esquerda do Ribeiro de Maçainhas, a SW. da povoação de Maçainhas de Baixo, encontrando-se mencionado pela primeira vez na doação duma fazenda ao 1º Mosteiro de Salzedas no ano de 1249. Existem ainda agora ruínas de três azenhas, uma na margem direita do Ribeiro, imediatamente a juzante da estrada para os Trinta, e duas na margem esquerda, mais abaixo desta.

5. Granja do Poio

Ficava junto da confluência do ribeiro do Cubo com a Ribeira do Caldeirão, mas as casas e grande parte das terras encontram-se presentemente submersas pela Barragem do Caldeirão. Pertencia ao 2º Mosteiro de Salzedas que desta fez dois aforamentos: um em 1325 e outro em 1356, incluindo este uns casais que se situariam na parte norte da granja.

Origem e Evolução das povoações que integram a Freguesia

1. Maçainhas de Cima

Tudo leva a crer que a comunidade humana que constitui esta povoação tenha a sua origem nos habitantes dos primitivos “lugares” de Maçainhas e do Azual, já referidos. Segundo refere o Padre Quelhas Bigoté na obra citada, na lenda ali transcrita diz-se mais que “uma praga violenta de formigas infestou esse local e obrigou os moradores a abandonar os seus lares e a fixarem-se a distância da igreja; valeu-lhes Nossa Senhora para não serem incomodados pelas formigas no local onde assentaram as suas novas moradas e por isso a invocaram sob o nome de “Nossa Senhora da Fumagueira” (de “fumaceira”, costume antigo de usar o fumo para afugentar as formigas). Conta-se também que construíram uma capela no local da nova povoação, para onde levaram a imagem da Senhora venerada na Igreja, mas, na manhã seguinte, aparecia no local infestado pelas formigas, facto que se repetiu nos três dias seguintes”.

É costume dizer-se que as lendas têm (sempre) um fundo de verdade e o caso de Maçainhas não será, com certeza, excepção à regra, dado verificar-se que o primitivo povoado desapareceu do local onde teria existido em 1202 e se encontra agora, sob a designação de Maçainhas de Cima, noutra onde no ano de 1306 estava o Azual devendo, para isso, ter havido algum motivo especial. Por outro lado, consta das “Inquirições de D. João I -Tombo da Comarca da Beira” (Δ1395) que a Comissão encarregada de demarcar no terreno os limites do «Reguengo do Ruivo» (Quinta do Ribeiro d’El

Rei) e se serviu para tal do conhecimento de dois “homens bons”, um da “fumagueyra” e outro de “maçaynhas”, tinha chegado à conclusão de que o ponto mais a sul do mesmo ficava no “barocal da fumageyra”-local ainda hoje assim designado, a cerca de 1 quilómetro da Igreja da Fumagueira. Do exame de tudo o que foi apresentado sobre esta questão, resulta, como mais provável, que os factos se tenham passado da seguinte maneira:

- a) Em data anterior a 1395, o “lugar” (pequeno povoado) de Maçainhas, devido a um ataque violento de formigas, passou a ser conhecido por “Fumagueira”, mantendo-se, no entanto, no mesmo local;
- b) Entretanto, a “Granja de Maçainhas”, formada no seu termo pelo 2º Mosteiro de Salzedas, já se havia tornado independente deste, passando ela então a ser designada por Maçainhas;
- c) Em data posterior a 1395, possivelmente em consequência de novos ataques de formigas, os moradores da Fumagueira abandonaram este local e foram juntar-se aos do Azual;
- d) Nessa altura, como no primitivo termo do “lugar” de Maçainhas havia já outro povoado com esta designação e quer os habitantes idos da Fumagueira, quer os residentes no Azual pertencerem também ao mesmo alfoz, terão decidido todos optar-por antitoponímia pela denominação de “Maçainhas de Cima” para uma povoação e de “Maçainhas de Baixo” para a outra. Esta opção deve ter sido tomada antes de 1527, pois no Censo deste ano não se encontra mencionada a “fumageyra”, mas sim e apenas “maçaynhas”, com 42 moradores e “maria dos chaaons” com 13.

2. Maçainhas de Baixo

É, sem dúvida, na “Granja de Maçainhas” do 2º Mosteiro de Salzedas que radica a origem desta povoação. A parte mais antiga da localidade é ainda hoje constituída por vários “núcleos residenciais” (Cimo do Povo, Santo António, Cerca, Soalheira, Fundo do Povo) correspondentes, certamente, a outros tantos “Casais” que no início da formação da granja, materializavam a parte habitacional da mesma. Estes núcleos dispõem-se a um e outro lado da via principal – a Rua Direita – que atravessa toda a povoação na direcção norte-sul, separados ainda agora uns dos outros por terrenos de cultura, parecendo, assim, quererem indicar-nos a sua procedência. Mas, como se isso não bastasse, a existência de uma perpendicular à Rua Direita – denominada ainda agora por Rua da Granja – vem dar o “toque final” na acentuação da origem da localidade: a “Granja de Maçainhas”.

Conforme se verifica pelas Inquirições de D. João I, atrás citadas, nessa altura (Δ1395) a povoação aparece-nos, simplesmente, designada por “maçaynhas”, denotando esse facto que esta constituía, já então, um aglomerado habitacional sem qualquer vínculo ao 2º Mosteiro de Salzedas. Com a

denominação de Maçainhas de Baixo, a localidade encontra-se mencionada pela primeira vez em 1628, no livro de Baptismos da Freguesia de Nossa Senhora da Fumagueira. As designações de Maçainhas de Baixo para um povoado com origem na “Granja de Maçainhas” e de Maçainhas de Cima para outro que proveio dos primitivos núcleos populacionais de “Maçainhas” e do “Azual”, parecem-nos constituir, finalmente, um acerto lógico, quer quanto ao topónimo “Maçainhas” quer no que respeita ao posicionamento geográfico das duas povoações entre si: uma mais abaixo, a outra mais acima.

3. Chãos

A origem deste lugar deve ir buscar-se aos “Casais da Granja do Poio”, das quais o 2º Mosteiro de Salzedas fez aforamento em 1356, juntamente com a própria granja, aos seus moradores. Aparece-nos referenciado pela primeira vez em documento escrito em 1527 (João Tello de Magalhães Collaço – “Cadastro da população do reino”, 1931), mas com a designação de “maria dos chaaons”. Simplesmente, com o nome de Chãos surge-nos depois, em 1654, no Livro de Baptismos da Freguesia de Nossa Senhora da Fumagueira, respeitante ao período de 1651 a 1688.

4. Cubo

No mesmo Livro de Baptismos, com a data de 1651, encontra-se uma referência a este nome, mas como sendo uma quinta: a “Quinta do Cubo”. O cura João Francisco, em 21 de Abril de 1758, nas respostas aos inquéritos que José I determinou aos priores do Reino, após o terramoto de 1755, considera o Cubo como um dos quatros lugares que, nessa altura constituíam já a Freguesia de Nossa Senhora da Fumagueira.

5. Prado

A partir de 1290, passaram a ser da responsabilidade da Guarda as despesas inerentes à sua Alcaidaria e, possivelmente, para atenuar um pouco esse ónus, veio a cidade a constituir o “Pé de Alcaide”, com finalidade semelhante à do “Pé de Altar” dos párocos das freguesias. Ora, segundo Américo Costa (“Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular”, vol. VII, 1940), existia na Freguesia de Maçainhas um lugar designado por “Pé de Alcaide”, bem como uma quinta denominada do “Prado”. Pesquisas feitas na Matriz Predial da Secção de Finanças da Guarda (Freguesia de Maçainhas) levam-nos a concluir que esse “lugar” seria constituído não só pelas casas da Quinta do Prado, mas também pelos terrenos adjacente a esta, para a banda de NE.. Assim, é natural que, em tempos idos, esse conjunto tenha formado um “Casal”, cujo usufruto caberia ao Alcaide da Guarda, e, onde, certamente, estarão as raízes do actual lugar do Prado.

6. Gulifar

É tido como vocábulo de origem germânica, com o significado de alcateia de lobos, “Gulf” (lobo) e “Fari” (alcateia), devendo, assim, a sua origem remontar ao domínio visigótico na Península Ibérica (Séc. V a VIII). Designada por “Quinta do Gulifar”, encontra-se referenciada em 1658, no Livro de Baptismos da Freguesia de Nossa Senhora da Fumageira, referente ao período de 1651 a 1688. Com a grafia de “Quinta do Golfar”, aparece-nos numa escritura de “praso” (aforamento) feita em 3 de Fevereiro de 1846 pelo reverendo Camilo de Lelis Moura Coutinho, como procurador das religiosas do Real Mosteiro de Santa Clara da Guarda, aos moradores dessa quinta. Em 3 de Junho de 1889, foi arrematada em hasta pública, no Ministério da Fazenda, por José Lourenço e, desde então, tem-se mantido na posse hereditária desta família, pertencendo presentemente aos herdeiros do casal José João e Maria de Jesus dos Reis.

Das últimas décadas do séc. XX para cá têm vindo a surgir, construídas em terrenos particulares situados a sul desta Quinta e próximos da estrada Celorico-Guarda (EN 16), várias residências - sobretudo vivendas - as quais, em conjunto com as da “Quinta” constituem já um novo lugar da Freguesia de Maçainhas, simplesmente com a designação de “Gulifar”.

Quintas antigas

I. Quinta do Pina

Nas inquirições de D. João I de 1395, já citadas, consta que o Reguengo do Ruivo, da parte de nascente, entestava com a “estrada” da Guarda para Porcas (Vale da Estrela) e partia com a “Erdade do Chuchom”, vindo esta propriedade, mais tarde a ser designada por “Quinta de S. Thiago”. Segundo Carlos Oliveira (“Apontamentos para a Monografia da Guarda - 1940”), Rui da Pina, nascido na Guarda c. de 1440 no solar da família “Pina”, vinda de Aragão para Portugal no tempo de D. Afonso V, nomeado cronista-mor do reino por D. João II em 1491, mantido nestas funções por D. Manuel I e alcançando ainda alguns anos de reinado de D. João III, adquiriu a Quinta de S. Thiago, onde mandou construir, junto da nascente do Ribeiro d’El Rei, uma casa de habitação. O conjunto, moradia e terrenos, veio mais tarde a ser integrado no “morgadio” que Rui de Pina estabeleceu, por testamento feito em Lisboa (21 de Maio de 1515), com vínculo á capela do Espírito Santo, na Sé da Guarda, e a obrigação do seu sucessor usar o apelido “de Pina”, logo em seguida ao nome próprio. A moradia, estilo “casa quinhentista” - com os característicos balcão exterior coberto e janela de canto - ainda hoje existe, mas abandonada e com visíveis sinais de degradação. A Quinta de S. Thiago, após a construção deste edi-

fício por Rui de Pina e no qual viria a falecer c. de 1522, passou a ser conhecida por “Quinta do Pina”, denominação que ainda agora se mantém, e conservou-se na posse de familiares do cronista até ser vendida, há uns dez anos aos caseiros por Francisco de Pina Mendonça de Almeida.

2. Quinta do Ribeiro d’El Rei

Os seus terrenos constituíam em 1395 o Reguengo do Ruivo, conforme se verifica das ditas Inquirições de D. João I, confrontando a norte com a freguesia da Sé (Guarda), a nascente com a “Erdade do Chuchom” (hoje Quinta do Pina) e a sul com o “barocal da Fumageyra” e “Erdade dos Freires” – (ainda recentemente conhecida por Quinta dos Ciprestes). No ano de 1658 está referenciada, no Livro de Baptismo atrás citado, como “Quinta de Bertolameu Luiz”, ao Ribeiro d’El Rei, junto da “estrada velha”, depois conhecida por “Estrada Guarda – Mizarela – Prados - Linhares”. Presentemente continua a ser denominada por “Quinta do Ribeiro d’El Rei”, passando-lhe muito perto das casas, a norte, a Estrada Nacional Viseu – Vilar Formoso (EN16). Na altura da abertura desta estrada, talvez em finais do séc. XIX, foi também construído à sua beira a uns 200 metros a NE., um chafariz igualmente apelidado “d’El Rei”.

3. Quinta dos Ciprestes

Conforme se verifica, ainda, das Inquirições de D. João I, as terras que constituem hoje esta quinta formavam, então, a “Erdade dos Freires” (possivelmente dos Freires de Santiago) situada a SW. do “barocal da Fumagueyra” e por ela passando a “estrada que vay (da Guarda) para “maçaynhas”. Na segunda metade do séc. XVIII, esta herdade pertencia a alguém que nela mandaria, então, construir uma casa tipo rural (com dupla escadaria de acesso exterior ao primeiro andar, ao gosto de Nicolau Nasoni) e plantar três cedros, os quais, devido à altura anormal atingida, levaram a que a mesma passasse a ser conhecida por “Quinta dos Cedros”. Nos princípios do séc. XX esta quinta era propriedade do Visconde de Pernes (concelho de Santarém), que a vendeu por intermédio do seu procurador, o Tesoureiro da Fazenda Pública da Guarda, a José Pires da Fonseca, natural e residente em Maçainhas de Baixo e é hoje pertença, por herança, de um seu sobrinho, o Dr. António A. Pires da Fonseca, advogado na Guarda.

4. Quinta do Borges

Nada existe nas Inquirições de D. João I de 1395 que se possa relacionar com os terrenos agora pertencentes a esta quinta e não foi possível indagar quem teria sido a pessoa, de apelido Borges, que lhe deu origem à denominação actual. É, no entanto, admissível que as extensas terras envolvidas das casas de habitação e cortes de gado, situadas junto da nascente do Ribeiro de Maçainhas, tivessem

sem feito parte do “morgadio” estabelecido por Rui de Pina, em testamento de 1515, uma vez que a quinta foi vendida há poucos anos pelo seu descendente Francisco de Pina Mendonça de Almeida a um emigrante.

Caminhos Medievais

Ao tratar-se da maneira como surgiu o antigo lugar do “Azual”, indicou-se então um “caminho medieval” que terá sido percorrido pelo rei mouro Az Zubayr quando em 1140 foi obrigado por D. Afonso Henriques a levantar o cerco a Trancoso e a regressar dali directamente a Sevilha, tendo, assim, de atravessar o actual território da Freguesia de Maçainhas. Além deste, haverá agora que mencionar e descrever mais três desses caminhos carreteiros, designados na altura por “estradas” (referenciados nas Inquisições de D. João I de 1395) e que saíam todos dos muros da cidade da Guarda pela Porta da Covilhã:

a) Estrada Guarda – Mizarela – Prados – Linhares

No início das Lameirinhas, flectia um pouco à direita, cruzava a E.N. 16 junto do Depósito de Viaturas da J.A.E. e voltava a fazê-lo a norte da Quinta do Ribeiro d’El Rei (onde existe ainda um pequeno troço de calçada), passava pelo Cubo, transpunha o Riacho das Naves, cruzava de novo a E.N. 16 e subia ao alto do Prado (Δ901), que contornava pelo norte, bem como o casario dos Chãos. A partir daqui, por altura do cemitério, iniciava a descida para o Mondego – cruzando pela última vez a E. N. 16 cerca de 100 metros antes do quilómetro 170 – para alcançar Pero Soares (onde existe outro troço de calçada) em apenas dois extensos lanços de ziguezague, transpunha o rio (provavelmente em ponte de madeira) no local em que está agora a ponte de pedra e seguia em direcção à Mizarela. Aqui começava a íngreme subida para Prados, após o que se seguia uma descida mais suave, por Assanhas, para Linhares.

b) Estrada Guarda – Barrelas (Famalicão Velho) – Taberna (travessia do Mondego) – Placinto de Videmonte – Folgosinho

Passava pelas Lameirinhas em direcção ao Ribeiro d’El Rei, que transpunha junto da Quinta da Regada, subia ao colo entre o Barrocal da Fumagueira (Δ980) e o Barrocal dos Galegos (Δ1021) – local em que existem umas “alminhas” - descia, depois, pela Quinta dos Cipestres, para Maçainhas de Cima e Maçainhas de Baixo. Daqui seguia directamente ao Ribeiro de Maçainhas, onde iniciava uma subida suave para a Portela seguida de uma descida também fácil para a Corujeira, após o que começava a

subida íngreme para o Alto de S. Barnabé (por calçada ainda existente há poucos anos), onde inflectia para a esquerda em direcção aos Meios e Fernão Joanes até alcançar, pela Senhora do Soito, Barreiras, onde entroncava na “estrada romana” e por esta se podia seguir, por Taberna (passagem do Mondego) e Planalto de Videmonte, para Folgoso.

c) Estrada Guarda – Vale da Estrela – Seixo Amarelo – Centum Cellas

Após a saída das muralhas da Guarda pela Porta da Covilhã, ia ao Parque da Cidade de onde seguia, encostada ao muro ocidental do recinto do antigo Sanatório Sousa Martins, em direcção da Quinta do Pina, daqui subia ao Forte Velho (Δ1066) para depois encetar uma descida suave para Vale da Estrela. A partir desta localidade, seguia pelos Alvarões ao Seixo Amarelo e depois, por Gonçalo, a Centum Cellas, onde entroncava na “estrada militar romana” que conduzia a Mérida, antiga capital da Lusitânia Romana.

A atrás indicada “estrada” Guarda - Folgoso foi objecto, em época posterior, das seguintes alterações:

- a) A ligação da Guarda a Maçainhas de Baixo foi duplicada com a construção de outro caminho, que das Lameirinhas seguia pelo local em que foi construído o novo Quartel dos Bombeiros, atravessava o Ribeiro d’El Rei cerca de 50 metros a montante da ponte do ramal de estrada para os Trinta (E.N. 338), contornava, a meia encosta e pelo ocidente, o Barrocal da Fumagueira (Δ980), passava pelo depósito da Água, flanqueava, também pelo oeste, a Fábrica de Betão e o casario antigo de Maçainhas de Cima, para logo se juntar ao caminho anterior;
- b) O percurso por Fernão Joanes, Barreiras e Taberna (travessia do Mondego) foi encurtado com a abertura de um itinerário que, a partir dos Meios, seguia pela Sargaceira (Δ1006) directamente ao Mondego, que transpunha a vau junto do Moinho dos Maias ou na ponte de madeira a S. da Quinta da Ireira, após o que subia a Videmonte e continuava pelo planalto até cerca de Carvalhos Altos (Δ1192), onde ia encontrar a “estrada romana” que conduzia, pela calçada da Serra de Baixo a Folgoso.

Victoriano José César, na sua obra “Invasões Francesas em Portugal – Invasão de 1810” (publicado em 1910), refere que nesta invasão, já no decurso da retirada do Exército de Massena em 1811, o 2º Corpo (Reynier) fez o percurso de Gouveia à Guarda pela seguinte forma:

- Em 21 de Março atravessou as serras de Folgoso e Carvalhos, indo posicionar-se no fim do dia, o QG e a 2ª Divisão (Heudelet) nas alturas entre os Meios e os Trinta – tendo certamente, transposto o Mondego no vau do Moinho dos Maias e/ou na ponte de madeira a

- S. da Quinta da Ireira - ficando a 1ª Divisão (Merle) na região de Videmonte, com o encargo da retroguarda;
- Em 22, foi ocupar a Guarda e a Vela , onde se manteve durante o dia seguinte até ser rendido por forças do 6º Corpo (agora comandado por Loison, o “Maneta”).

Igrejas e ermidas

O primeiro templo religioso da Freguesia deve ter sido uma simples ermida construída no local designado no aforamento da Granja do Poio, pelo 2º Mosteiro de Salzedas, em 1325, por “lugar de Santa Eufémia”, o qual, após o ataque das formigas anterior ao ano de 1395, teria passado a ser conhecido, segundo a lenda, por Fumagueira. Quando foi instituída a Paróquia de Nossa Senhora da Fumagueira, talvez no princípio do séc. XVII, o edifício terá sido transformado em igreja matriz, mediante o acrescentamento da estrutura correspondente à instalação do altar-mor. De qualquer modo, é um facto que, em 1758, o cura João Francisco, nas suas respostas aos inquéritos ordenados por D. José aos curas das freguesias (Maria José Bigotte Chorão-“Memórias Paroquiais do Concelho da Guarda”), informou que nesta freguesia havia na altura uma igreja, tendo por orago Nossa Senhora da Fumageira, com três altares (de Nossa Senhora da Fumagueira, Nossa Senhora do Rosário e S. Sebastião) e a Irmandade do Espírito Santo, e, também duas ermidas: a de Santo António, em Maçainhas de Baixo e a de Santa Madalena, nos Chãos.

Tanto a igreja matriz, situada num lugar isolado e central em relação a todos os aglomerados populacionais da Freguesia, como as ermidas foram edificadas há vários séculos, em alvenaria de granito revestida a massa, e pintadas interior e exteriormente de branco, tudo denunciando uma linha arquitectural extremamente simples, sóbria e rural – não obstante em todas se verificarem alterações posteriores em portas e janelas. Relativamente às duas ermidas, foram-lhe acrescentados alpendres na frontaria, para resguardo dos fiéis.

As povoações da Freguesia na actualidade

Como se viu quando se tratou da sua formação, todas elas tiveram origem em pequenos núcleos de habitantes que se dedicavam às actividades agrícolas, ou com estas relacionadas, e este continuou a ser o modo de vida adoptado pela população da Freguesia durante muitos séculos. Neste campo há que salientar a existência no Cubo de uma pequena indústria de fabrico de pão com cereais da região,

e que foi a principal fornecedora deste artigo de primeira necessidade aos moradores da cidade da Guarda até ao aparecimento, em meados do séc. XX, da panificação eléctrica. Uma outra pequena indústria, a de fabrico do “cobertor de papa”, desenvolveu-se em Maçainhas de Baixo a partir do reinado de D. José I, tendo por matéria prima a lã “churra” proveniente de ovelhas criadas principalmente nas campinas da Cova da Beira. A feitura deste artigo processava-se em três fases sucessivas: a da fiação da lã nas fábricas, a tecelagem em teares manuais e o acabamento nos pisões. Durante muito tempo, as fábricas de fiação e os pisões, por serem movidos a energia hidráulica, estavam instalados no rio Mondego e os teares manuais em Maçainhas de Baixo, o que obrigava, durante a transformação da lã em produto acabado, à execução de dois transportes, a dorso de animais, por uma vereda extremamente difícil da Serra do Caldeirão. Porém, mercê da acção pessoal de José Pires da Fonseca e o apoio do povo, no dia de Páscoa de 1948, na presença do Governador Civil do Distrito, Dr. Ernesto Pereira, Presidente da Câmara, Dr. Alberto Diniz da Fonseca e outras autoridades, procedeu-se à inauguração oficial da energia eléctrica em Maçainhas de Baixo, acontecimento que então foi relatado circunstanciadamente pelo jornal “A Guarda”. A fábrica, já instalada, de Pires da Fonseca passou de imediato a utilizar esta nova forma de energia e outra foi construída então por António João, circunstância que fez baixar em muito os custos de produção e, em consequência, expandir-se esta indústria. Depois de prontos, os cobertores de papa eram vendidos por ambulantes nos distritos da Guarda e Castelo Branco e a armazenistas de Viseu, Coimbra, Porto e Lisboa, mas os das duas últimas cidades, normalmente, exportavam-nos depois para Angola, onde eram vendidos nos planaltos do Huambo, Huila e Bailundo. Porém, após o aparecimento, na década de sessenta do século passado, das fibras sintéticas, parece que este tipo de cobertor não tem actualmente qualquer hipótese de “sobrevivência” como agasalho de cama. No caso de haver quem se disponha a exercer a profissão, dura, de tecelão manual, será ainda possível salvar algo desta indústria, considerando este produto como um “artesanato” da Serra da Estrela?! Ou haverá outra ideia melhor?!

Nos finais do séc. XX, com a entrada de Portugal primeiro na Comunidade Económica Europeia (CEE) e depois na União Europeia (EU), que conduziu ao livre trânsito de pessoas e bens, os pequenos agricultores da região deixaram de poder competir com as grandes empresas agrícolas europeias e, em resultado, os campos têm vindo a ser abandonados. No aspecto industrial encontram-se apenas em laboração a fábrica “Texteis António João, Lda”. (42 trabalhadores), com matéria prima sintética, e dois “abencerragens” que teimam ainda no fabrico do cobertor de papa. A maioria dos naturais da Freguesia aprenderam já novas profissões que procuram exercer, de preferência, na cidade da Guarda.

A Historic Summary of the Parish of Maçainhas

Once known as the Parish of Nossa Senhora da Fumagueira, it is now called the Parish of Maçainhas. It is constituted by six small villages: Maçainhas de Baixo, Maçainhas de Cima, Chãos, Cubo, Prado and Gulifar. Its territory is NE of the City of Guarda and SW of the Caldeirão Dam. It is part of the northern prolongation of the Serra da Estrela, on the right bank of the Mondego River, being therefore largely integrated in Serra da Estrela's Natural Park.

The human prehistoric presence (which may date back to the Mesolithic period- 8.000 b.C. to 5.000 b.C.) in the Parish's boundaries ("Galegas" and "Barrocal da Fumagueira") left the first indirect vestiges; tiny pits opened with a small stone on the virgin rock, where some dried fruits such as acorns and chestnuts were shredded. The small fortified settlements, that General João de Almeida classifies in "Roteiro dos Monumentos Militares do Concelho da Guarda"¹ as "familiar or settlement *castrums*" are located in Cabeças (Δ916), Portela (Δ846) and Forte Velho (1068) and may most likely be from the end of the Neolithic period (2.700 to 2.500 b.C.).

In the Maçainhas de Cima area there are two anthropomorphic graves which are related to the Roman Christians' reintroduction of burial rituals in Portugal and are most likely dated back to the Visigothic domain. These are excavated on the rock, although there are no vestiges of lids. One of the graves is about 200 metres north and the other is at the same distance south of the "Quinta da Tapada Nova".

The origin of the six villages:

- 1) Maçainhas de Cima - According to the legend, the primitive "place of Maçainhas", where the Church of Fumagueira² now stands, is known by that name in consequence of an ant attack. Since they carried on attacking, the inhabitants ended up leaving that place and settling in the place of Azual, which became to be known as Maçainhas de Cima.
- 2) Maçainhas de Baixo - The "Granja de Maçainhas" belonged to the 2nd Monastery of Salzedas, which gave tenure to its inhabitants in 1210. In 1395, Maçainhas no longer had any ties with the Monastery and became to be known by that simple designation. However, in the first half of the 20th Century it started to be called Maçainhas de Baixo, in opposition to Maçainhas de Cima³.
- 3) Chãos- The 2nd Monastery of Salzedas gave tenure to "Granja do Povo" and to its inhabitants. In the Kingdom's Population Register in 1527 it was known as "maria dos chaaons",

but in the Parish Register between 1651 and 1688 it was already called “Chãos”.

- 4) Cubo - Mentioned as “Quinta do Cubo” in 1651 in the same Parish Register, was, however, considered in 1758 by the Priest João Francisco as being one of the places of the Parish.
- 5) Prado - It was a farm belonging to the Alcaidia of Guarda and it was designated as “Pé de Alcaide”, whose rights belonged to the respective dignitary of the title– the Alcayde.
- 6) Gulifar - The farm with the same name was property of the Royal Monastery of Santa Clara da Guarda. In 1889 it was recovered by its inhabitants’ bid at a public auction that took place at the Treasure Ministry.

The boundaries of Maçainhas’ Parish were crossed by several “medieval roads” which began in Guarda and led towards Linhares, Folgoso and “Centum Cellas” (Belmonte). The road Folgoso-Guarda was crossed on the 21st and the 22nd March 1811 by the 2nd Army Corps (Reynier) of Massena in retreat.

¹ T.N. - *Roteiro dos Monumentos Militares do Concelho da Guarda*, 1942- book about military monuments existing in Guarda’s County.

² T.N. - “Fumagueira” - Portuguese word resembling in phonetics and meaning the word “fumaceira”, i.e. a sort of cloud of smoke.

³ T.N. - The words “baixo” and “cima” mean respectively “down” and “up”.

Maçainhas (Guarda) na Rota da Lã: dos Fios aos Desafios

Elisa Calado Pinheiro

Docente e Directora do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior

1. Introdução

Apresentam-se, neste trabalho, os primeiros resultados da investigação desenvolvida sobre a temática da lã na região da Beira Interior e da Extremadura espanhola, no âmbito do *Projecto Rota da Lã – TRANSLANA*, candidatado à *União Europeia* através do programa INTERREG III A e aprovado em Abril de 2003.¹

Este projecto tem por finalidade articular e aprofundar a investigação sobre as rotas peninsulares da lã e sobre as vias de transumância numa perspectiva transfronteiriça, ensaiando aplicar uma análise antropológica ao estudo desta temática. Visa, igualmente, salvaguardar os vestígios patrimoniais inventariados de acordo com a aplicação de metodologias de natureza arqueológico – industrial e concretizar a sua musealização em espaços integrados nos dois Museus que constituem as âncoras deste projecto: o *Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior*, na Covilhã, e o *Museo Vostell* em Malpartida de Cáceres.

Para atingir estes objectivos organizaram-se duas equipas de trabalho, uma em Cáceres e outra na Covilhã, com metodologias de intervenção comuns, visando identificar os percursos da transumância, inventariar o património natural, cultural e edificado associado aos períodos proto-industrial e industrial e estruturar cientificamente a intervenção de musealização empreendida pelo *Museu de Lanifícios no Núcleo da Real Fábrica Veiga*, constituído como um *Centro de Interpretação dos Lanifícios portugueses*.

A metodologia estabelecida implica os seguintes passos:

1. Recolha de documentação manuscrita e impressa sobre a história da lã e dos lanifícios nas regiões envolvidas;
2. Reconhecimento dos vestígios patrimoniais através de trabalho de campo, utilizando para a localização, o *sistema GPS* e plantas à escala 1/1000 e 1/2000.
3. Preenchimento de fichas técnicas sobre os vestígios identificados para posterior carregamento de uma base de dados;

¹ É chefe de fila deste projecto a *Universidade da Beira Interior - Museu de Lanifícios*, sob coordenação científica e técnica da autora deste trabalho e nele participam, como parceiros associados, por Portugal, a *Câmara Municipal da Covilhã*, a *Região de Turismo da Serra da Estrela*, o *Instituto da Conservação da Natureza- Parque Natural da Serra da Estrela* e, por Espanha, o *Consórcio Museo Vostell* (Malpartida de Cáceres) e a *Asociación para el Desarrollo de la Comarca Tago-Salor-Almonte-TAGUS*.

4. Elaboração de registos cartográficos da informação tratada no *Laboratório do Serviço de Informação Geográfica, SIG, do Departamento de Engenharia Civil da Universidade da Beira Interior*, com a utilização do software *Arqview 3.4*.²

Com este projecto ir-se-á ainda criar uma sinalética destinada a identificar em algumas das áreas por ele abrangidas por este projecto os edifícios, sítios e conjuntos de valor patrimonial, com o objectivo de serem divulgados na perspectiva do desenvolvimento do turismo cultural nas regiões envolvidas.

Este projecto desenvolver-se-á em duas fases, a primeira actualmente a decorrer até final de 2004, ensaiando-se a aprovação da segunda para 2005-2006.

Após a realização do inventário do património industrial da cidade da Covilhã, deu-se início, com este projecto, ao reconhecimento das *evidências* patrimoniais nas freguesias do concelho da Covilhã e, em Novembro de 2003, ao trabalho de campo na freguesia de Maçainhas, Guarda, que estava previsto realizar-se só após a conclusão da organização dos processos referentes ao concelho da Covilhã.³

Esta alteração de programa resultou do convite formulado pela Senhora Presidente da Câmara Municipal da Guarda, no sentido de nos associarmos a uma intervenção de reconhecimento e valorização do cobertor de papa de Maçainhas. Trata-se de contribuir para estruturar, na região, uma rota turística da lã, ancorada em “evidências de campo” patrimoniais, enraizadas num lastro histórico que nos conduz ao presente e que, no caso de Maçainhas, se fundamentam num produto característico, o cobertor de papa, gerado por uma comunidade que, a partir dele, fortaleceu a sua própria identidade. É através destas contribuições que se alicerça, com autenticidade, uma rota peninsular da lã.

Assim, apesar de este trabalho não incidir sobre a caracterização técnica do cobertor de papa, mas tão só sobre os impactos históricos e patrimoniais da sua produção na freguesia de Maçainhas, podemos concluir que estas mantas são produtos singulares e autênticos, com uma identidade própria que urge preservar. Trata-se do resultado de um multi-secular *saber-fazer* que enriquece a nossa diversidade cultural e constitui uma marca patrimonial única na paisagem nacional.

2. Contextualização histórica da produção de mantas e cobertores de lã. O caso de Maçainhas.

A lã, como matéria-prima, remete-nos às nossas origens e constitui uma das afirmações mais vivas da relação do homem com a natureza. Veículo de culturas, encontramos-la nas grandes encruzilhadas das civilizações, desde a antiguidade até aos nossos dias.

2

A metodologia aplicada neste projecto foi apresentada pela autora no *Colloque International « La mémoire de l'industrie : de l'usine au patrimoine »*, promovido pela *Maison des Sciences de l'Homme*, Universidade de Besançon, de 25 a 27 de Novembro, de 2003, através da comunicação : *De l'usine au Musée et du Musée à la Ville. Le cas du Musée de la Laine à Covilhã, la ville-usine du textile portugais*. (actas em preparação para publicação). No âmbito das conclusões deste encontro internacional, a metodologia apresentada foi distinguida como um importante contributo para a salvaguarda do património industrial europeu.

3

A equipa de trabalho que, para este efeito, constituiu e coordena é integrada por Cristina Olímpio e Florbela Conceição à qual se associou recentemente Filipe Carlos, tendo-se contado ainda com a colaboração de Dulce Salvado, na qualidade de auxiliares de investigação.

Constitui uma ancestral mais-valia peninsular, se atendermos à especificidade e qualificação, de que se salienta fundamentalmente a proveniente da raça merina, e ainda ao elevado grau de especialização adquirido por alguns centros laneiros de produção de matéria-prima e de fabricação de panos. Nesse sentido especializaram-se e desenvolveram-se na Península Ibérica importantes áreas de produção de lã, nomeadamente no Alentejo, na Extremadura espanhola e em Castilla-Leon, assim como centros de produção industrial, particularmente numa região polarizada, em Portugal, pela Covilhã e em Espanha, pelas regiões da Catalunha e de Castilla-Leon.

A freguesia de Maçainhas integra-se no espaço amplo, rico de diversidades e de complementaridades naturais e culturais que o distrito da Guarda constitui, entendido como uma realidade administrativa que, até 1516, se confundiu com a Comarca/Província da Beira⁴, ancorada pela tutelar presença da Serra da Estrela. Esta foi, desde os tempos pré-históricos, lugar de destino de pastores e rebanhos e começo e fim de algumas das mais importantes rotas peninsulares da lã, abertas pelas vias da transumância. Ela é a matriz de uma vasta região «donde tudo são lans e panos»⁵.

No séc. XVIII mais de 120 000 cabeças de gado ovino estacionavam de Maio/Junho a Setembro na montanha, tanto provenientes dos Campos de Ourique (do Alentejo e da serra algarvia), como de distantes paragens peninsulares. (Dias, Luíz Fernando, vol.1, 1958: 35-48; 40-41).

Na região da Serra da Estrela inscrevem-se percursos e entrecruzamentos de homens, animais e culturas associados aos rebanhos e ao pastoreio. Na história portuguesa esta realidade constitui uma forte marca adaptada aos condicionalismos naturais das regiões nela envolvidas. Daí a diversidade de raças ovinas existentes no território nacional. Veja-se o mapa da Fig.1, onde se apresenta a identificação e localização geográfica das mais importantes raças de ovinos. De entre elas, salienta-se, pela sua importância, o merino da Beira Baixa, espécie caracterizada pela elevada resistência e capacidade de adaptação à precariedade das condições ambientais que o rodeiam, sendo considerado o produtor das mais finas lãs nacionais⁶. Na área da Guarda, distingue-se uma outra raça de ovinos, a mondegueira, originária do Alto Mondego, numa área de confluência das regiões naturais da Beira Douro, Beira Alta e Nordeste Transmontano (A.A.V.V., 1991: 129). Esta raça é produtora da lã de tipo churra, matéria-prima utilizada quase que exclusivamente na produção artesanal e industrial de mantas e de tapetes. Trata-se de uma espécie caracterizada pela sua elevada qualidade leiteira, que está na origem da produção do genuíno queijo *Serra da Estrela*. Atendendo aos condicionalismos naturais onde se integra, desenvolveu uma especial capacidade de adaptação ao meio, caracterizando-se por apresentar uma singular rusticidade, transposta para a fibra da lã. O seu velo é pesado, chegando a atingir, nos machos, os 5 a 6 kg. As fibras são longas, medindo de 20 a 22 cm, com um diâmetro de 36,4

4 Da sua subdivisão resultaram, em 1536, as comarcas de Castelo Branco, Guarda, Lamego, Pinhel e Viseu. Dias, João José Alves, 1996 :211.

5 Confira a Correspondência de Gonçalo da Cunha Villas Boas, *Revista Lanifícios*, A.5, nº 51, Março, 1954: 88-89.

6 Segundo A.A.V.V., 1991: 103 os velos de lã destes ovinos que, de acordo com a classificação portuguesa, são identificados por *merino extra* e *merino forte*, atingem nos machos 2,5 a 3,2 kg. O comprimento das fibras varia de 5 a 7 cm, o diâmetro de 18 a 25 microns e o seu rendimento em LAF (produtividade) situa-se entre os 43 e 46%.

a 40,4 *microns* e um rendimento em LAF (produtividade) de cerca de 45%, características que contribuem para que a sua lã seja classificada de *churra* (A.A.V.V. ; 1991:129-134) e adaptada à produção de artefactos encorpados, como é o caso das mantas e tapetes.

Foi a lã das ovelhas merinas e mondegueiras que alimentou, desde cedo, na Beira Interior, uma intensa produção lanifical dispersa, destinada ao consumo interno. Saliente-se que, ainda hoje, cerca de 20% do total dos ovinos do mundo pertencem à raça merina, originária do sudoeste espanhol, especialmente da região da Estremadura, constituindo uma importante reserva genética como espécie uma vez que apresenta a identidade zoomorfológica mais antiga da população ovina (A.A.V.V., 2001:26).

Importa salientar que, de acordo com o Relatório do Governador Civil da Guarda, em 1866, registava-se, no Concelho da Guarda, a existência de 16.400 cabeças de gado ovino [Relatório sobre o estado da administração pública (...), 1866/68:69], situação que demonstra o peso desta actividade na região, facilitando o acesso directo à matéria-prima necessária ao desenvolvimento da indústria de mantas e tapetes.

Quadro 1 | Produção de lãs em 1856.

Concelhos	Qualidade e Quantidade		Preço / Arroba		Valor das Lãs Produzidas no Distrito		Total
	Preta	Branca	Preta	Branca	Preta	Branca	
	Arrobas	Arrobas	Arrobas	Arrobas			
Aguiar da Beira	103	890	3\$400	3\$600	350\$200	3 204\$000	3 554\$200
Almeida	3 341	308	3\$200	3\$400	10 691\$200	1 047\$200	11 738\$400
Cêa	203	1 765	4\$500	5\$000	913\$500	8 825\$000	9 738\$500
Celorico	9 580	300	2\$400	2\$800	22 992\$000	840\$000	23 832\$000
Fig. Castelo Rodrigo	7 052	68	2\$400	2\$600	16 924\$800	176\$800	17 101\$600
Fornos de Algodres	1 893	162	2\$500	2\$700	4 732\$500	437\$400	5 169\$900
Gouveia	1 141	1 399	2\$600	4\$800	2 966\$600	6 715\$200	9 681\$800
Guarda	9 800	6 000	2\$400	3\$600	23 520\$000	21 600\$000	45 120\$000
Manteigas	150	320	4\$000	4\$800	600\$000	1 536\$000	2 136\$000
Mêda	2 471	152	2\$500	3\$600	6 177\$500	547\$200	6 724\$700
Pinhel	6 717	433	2\$500	2\$750	16 792\$500	1 190\$750	17 983\$250
Sabugal	9 591	2 444	2\$400	2\$800	23 018\$400	6 843\$200	29 861\$600
Trancoso	1 987	698	2\$400	3\$800	4 768\$800	2 652\$400	7 421\$200
V. N. de Foz Côa	5 264	33	2\$400	2\$400	12 633\$600	79\$200	12 712\$800
Totais	59 293	14 972			147 081\$600	55 694\$350	202 775\$950

Fonte: Governos Cívís. Relatórios 1856-1859



Figura 1 | Espécies ovinas em Portugal.

Quadro 2 | Cabeças de gado na região da Serra da Estrela.

Concelhos	1861	1862	1864	1865
Aguar da Beira	16 600	8 800	16 600	10 967
Almeida	8 720	16 339	8 720	22 280
Ceia	20 825	18 000	20 825	16 000
Celorico	11 500	11 500	11 500	12 200
Fig. Castelo Rodrigo	11 800	26 070	11 800	27 539
Fornos de Algodres	8 671	8 362	8 671	10 240
Gouveia	15 500	16 600	15 500	17 180
Guarda	5 128	35 868	5 128	16 400
Manteigas	4 800	5 000	4 800	6 220
Meda	11 132	11 248	11 132	16 500
Pinhel	34 671	35 379	34 671	30 642
Sabugal	62 000	61 500	62 000	61 000
Trancoso	10 625	11 210	10 625	10 206
V. N. Foz Côa	24 128	25 245	24 128	24 402
Totais	246 100	291 121	246 100	281 776

Fonte: Relatórios sobre o Estado da Administração Pública, 1865. Relatórios sobre o Estado da Administração Pública nos Distritos Administrativos, 1866. Governos Cívís. Relatórios 1860-64.

Quadro 3 | Produção de lã em 1865.

Concelhos	Produção		Preço	
	Branca / Kg	Preta / Kg	Branca / Kg	Preta / Kg
Aguar da Beira	910	11 970	270	320
Almeida	57 090	2 300	250	300
Ceia	1 020	11 500	430	450
Celorico	76 000	19 000	270	340
Fig. Castelo Rodrigo	122 602	593	225	215
Fornos de Algodres	15 400	3 135	260	300
Gouveia	15 500	32 582	300	500
Guarda	59 630	12 210	300	500
Manteigas	6 000	20 000	300	400
Meda	70 844	3 000	218	300
Pinhel	78 052	3 951	320	400
Sabugal	136 000	29 500	270	340
Trancoso	16 744	1 762	200	225
V. N. Foz Côa	69 651	685	195	200
Totais	725 443	152 188		

Fonte: Relatórios sobre o Estado da Administração Pública nos Distritos Administrativos, no ano de 1866.

Quadro 4 | Produção dispersa nas Comarcas da Guarda e Castelo Branco.

Localidades	Fabricantes	Preparação/ escarduçadores	Cardação / cardadores	Tozadores	Fiação	Tecelagem		Pisões		Prensas		Tintes		Râmolas		Tendas		Total / Pessoal	Peças / ano
						Equip.	Pessoal	Eq.	Pes.	Eq.	Pes.	Eq.	Pes.	Eq.	Pes.	Eq.	Pes.		
Comarca da Guarda - Vila da Covilhã	237		362			183	383	24	96	4	16	10	33	11	2			1129	6656
Guarda a termo			342		950	96		9		4		4		4				1500	800
São Romão			70		90	25	21	6	6							8	16	203	700
Valezim			20		35	13	13	1	2							2	4	74	100
Vila Cova			28		35	9	9	2	2							4	8	82	30
Alvoco			18		50	6	6	2	2							2	2	78	80
Manteigas			80		100	24	48	8	16			4	12			6	12	268	600
Folgosinho			10		28	5	10	1	1									49	30
Santa Marinha			62	18	100	48	48	1	1									229	180
Loriga			50		100	12	12	4	4							6	6	172	300
Jarmelo			8		60	14	14											82	60
Seia	20		40		100	20	20	2	2							4	8	190	80
Gouveia	40		80		150	30	60	4	8			2	8			6	12	358	300
Melo	3		12		50	5	10					1	2	2	2	2	4	83	20
Caria	2		5		14	3	3											24	16
Alcaide						2	2											2	
Fundão						4	2	3	6			1	2					10	
Celorico						2	4	5	10									14	
Totais	302		1187	18	1862	501	665	72	156	8	16	22	57	17	4	40	72	4547	9952
Comarca Castelo Branco - C.B e seu termo			200		700	50	100	2	4									1004	900
Idanha a Nova	5		20		30	2	2	1	4									61	20
Castelo Novo	1					1	2	1	2			1	2					7	10
Belmonte		3	38		140	29	87											268	420
Vila do Touro	3		8		20	2	4											35	30
Totais	9	3	266		890	84	195	4	10			1	2					1375	1380
Comarca de Trancoso - Moreira			25		40	12	12											77	30
Trancoso Fabrico disperso			30		60	22	44											134	
Totais			55		100	34	56											211	

Fonte: Inquérito Industrial de 1803.

Para além dos rebanhos e da produção laneira, importa considerar o peso da mão-de-obra e a natureza dos equipamentos disponíveis. São eles que associados aos movimentos demográficos, permitem tornar inteligíveis as transformações de natureza económica e técnica no âmbito da produção dos lanifícios.

Assim, numa análise ao Quadro 4, que apresenta, para 1803, os dados referentes à produção dispersa de lanifícios, nas Comarcas da Guarda e de Castelo Branco, poderemos concluir que a Guarda (cidade) e o seu termo, se caracterizava por uma concentração elevada de pessoal empregue nesta indústria (1500 unidades), o que demonstra o peso desta actividade, e por uma relativamente fraca produção de peças por ano (800), o que constitui um forte indicador do atraso tecnológico existente e da não dedicação em regime de exclusividade a esta actividade, se comparado com os casos da Covilhã, Manteigas e Loriga, no mesmo período.

Em 1860 registava o Relatório do Governador Civil (Relatórios sobre o Estado da Administração Pública, 1862: 5) a existência de 7.990 fogos no concelho da Guarda, 15.358 homens e 16.436 mulheres, num total de 31.794 habitantes. Por outro lado em todos os relatórios dos governos civis, entre 1856 e 1861, faz-se uma referência explícita às feiras da Guarda, de 24 de Junho e de 4 de Outubro, salientando-se que nelas se comercializava gado de toda a qualidade, cereais e ainda manufacturas, nomeadamente “fazendas de lã”.

Neste período, Fradesso da Silveira, na sua obra de referência, (1864: 181-183) menciona a existência, nesta região, de uma «Fábrica de Lanifícios nos Trinta», salientando que «foi fundada por João da Fonseca Corsino e Irmãos, seus actuais proprietários e administradores». Descreve-a como possuindo um motor hidráulico e tendo 51 trabalhadores (28 do sexo masculino, maiores; 16 do sexo masculino, menores de 16 anos e 7 do sexo feminino, maiores de 16 anos) dos quais 12 eram tecelões e 12 caneleiros. Quanto à produção refere que fabricava por ano 10.000 m de saragoças, 1.000 m de mesclas de diferentes cores, 600 m de baetas xadrezes e 400 m de castorinas e «chales, mantas e outros», referindo que, neste último caso, «o número d’estes productos varia muito». Apresenta, igualmente, o mapa do pessoal e o equipamento instalado nesta fábrica, salientando que consumia lã proveniente do Alentejo e de Espanha, sumagre de Alpedrinha, cardo do lugar do Ferro, pau amarelo, campeche, pau sândalo, pedra hume e caparrosa do Porto e grude de Guimarães. Dos Trinta consumia raiz de nogueira, lenha e azeite.

Em nota refere que o tear jacquard que possuía àquela data ainda não trabalhava e que as máquinas eram de proveniência inglesa e belga, concluindo que «esta fábrica trabalha só por sua conta». Seguidamente anota que além «d’esta fábrica há mais três pequenos estabelecimentos com cardas e

alguns desgossos unicamente para cobertores que regulam de 850 a 1\$000 reis o kilograma».

Pode assim constatar-se que esta unidade fabril detinha uma importância significativa na região, ultrapassando já, pela dimensão, o âmbito local. Salienta-se igualmente que através desta breve nota inserta no texto referente à fábrica de João da Fonseca Corsino, podemos concluir que, na região, **em 1864, já existia produção industrial de cobertores de lã**, apesar de ainda pouco disseminada, atendendo à quantidade e dimensão dos estabelecimentos referenciados por Fradesso da Silveira.

Na verdade, antes desta menção, em nenhuma das estatísticas industriais anteriores (Inquéritos Pombalinos, Relação das Fábricas de 1780, Inquérito de 1803, Estatísticas da Junta do Comércio) há qualquer referência precisa sobre a existência desta produção na região.

É este, em traços largos, o contexto geral necessário ao enquadramento da produção regional de cobertores de papa.

Importa, todavia, ainda frisar que, o *Inquérito Industrial de 1881*, identifica, a nível nacional, as seguintes fábricas de lanifícios que produziam igualmente «mantas e edredons»: *Fábrica de Lanifícios da Arrentela* (produção de edredons); *Fábrica de José Diogo da Silva*, localizada na quinta de S. Pedro do Arieiro, em Oeiras (produção de mantas); *Fábrica a Vapor de Fiação*, na Ribeira de Matta Porcas, Monchique (produção de mantas) e a *Fábrica de Lanifícios de R. Marçal & C^a*, Portalegre, especializada nas mantas do Alentejo.

Quanto aos cobertores aparecem reportados às seguintes empresas: *Fábrica da Romeira*, em Alenquer; *Companhia de Lanifícios de Alenquer* e *Fábrica de José António Teixeira*, na Rua de Arroios, em Lisboa.

O preço dos cobertores, à época, variava entre os 1\$800 réis e os 8\$000 réis.

Para além destas fábricas sabemos ainda, através do Inquérito Industrial de 1881, que existia, igualmente, produção dispersa de cobertores localizada em Vila Flor e Moncorvo, salientando-se a qualidade dos que eram produzidos nesta última localidade, na fábrica de um espanhol, Manuel Millano Forcada (Inquérito Industrial, II Parte, Livro 3º: 67).

Relativamente à Guarda a fonte citada refere que há «neste concelho uma só fábrica de lanifícios digna de menção. É no Vale do Mondego, freguesia dos Trinta. Foi fundada em 1850 por João da Fonseca Corsino (...). Esta arrendada à firma social Jorge & Tavares e produz unicamente cobertores de lã branca. O capital é de 5 :000\$000 réis (...)».

Podemos assim concluir que a produção industrial de cobertores de lã na região a que pertence Maçainhas se inicia em meados do séc. XIX difundindo-se, provavelmente, a partir da fábrica fun



Figura 2 | Fabrico de cobertores e mantas de lã (1936 - 1945).

dada por João da Fonseca Corsino, no vale do Mondego e que era movida a energia hidráulica. Todavia a produção doméstica dos cobertores terá, provavelmente, acompanhado a história da ocupação humana nesta região, atendendo aos rigores climáticos que nela houve sempre que afrontar. A freguesia de Maçainhas, provavelmente ao longo da sua história, dedicou-se-lhe intensamente, assim como as vizinhas freguesias de Meios e Trinta, fortalecendo uma produção local que, a partir dos meados do séc. XIX até meados do séc. XX, se foi industrializando. Veja-se a Fig. 2, sobre a geografia da lã, no distrito da Guarda, onde se localiza o fabrico de cobertores de papa e mantas de lã.

É esta produção especializada na região que explica a fixação e o crescimento contínuo da população, ao longo do tempo e, particularmente, em Maçainhas, situação que pode acompanhar-se através da análise do Quadro 5.

No Quadro 6, através do consumo de lã em 1941 e do número de empresários inscritos no Grémio dos Industriais de Lanifícios de Gouveia (GILG), poderemos concluir da importância desta actividade em plena Segunda Guerra Mundial nas freguesias de Trinta, Maçainhas, Meios e Vale de Estrela.

Quadro 5 | Evolução da população

Freguesias	1736		1798	1878				1920	
			Fogos	Habitantes				Fogos	Hab
	Fogos	Almas		Fogos	H	M	Total		
Maçainhas N.ª Sr.ª da Fumagueira	82	176	147	212	435	429	864	285	1032
Trinta S. Pedro	70	216	114	248	496	499	995	265	990
Meios N.ª Sr.ª de Assumpção	84	202	74	94	229	207	436	123	371
Fernão Joanes S. João Baptista	130	368	132	151	297	299	596	192	705

Fonte: Geografia Histórica, 1736; Censo de Pina Manique de 1798; Censos de 1878 e 1920.

Quadro 6 | Produção de cobertores (1941).

Localização	Identificação	Total	Consumo de lãs (Kg)		Total (Kg)
			Preta suja	Branca suja	
Trinta	União dos Fab. de Cobertores, Lda.	1	4 000	45 000	49 000
	Serafim D'Almeida Tavares	1	1 000	10 000	11 000
	João D'Almeida Serrano	1	600	10 000	10 600
	José Rodrigues Vieira	1		40 000	40 000
	José Diogo Junior	1	1 000	12 000	13 000
	Diamantino Rebelo	1	200	1 000	1 200
	João Pilão da Silva	1	600	10 000	10 600
	João de Sá Vieira	1	200	3 500	3 700
	Manuel da Cunha Faia	1	150	1 000	1 150
	Manuel Sequeira	1		1 500	1 500
	Albano Gomes Funico	1	500	4 000	4 500
	Manuel da Cunha Sampaio	1	400	5 000	5 400
	Júlio da Costa Daniel & Filho	1	5 000	20 000	25 000
	Manuel Pacheco Serrano	1	500	12 000	12 500
	João Gomes Funico	1	400	6 000	6 400
	João d'Almeida Fojo	1	100	4 000	4 100
	Luiz d'Almeida Tavares	1	100	1 000	1 100
	Cesar da Costa	1	100	6 000	6 100
	António Pilão	1	500	5 000	5 500
	Manuel Andrade Funico	1		3 000	3 000
	Manuel Ferreira Freire	1		1 500	1 500
	Manuel Rodrigues Tavares	1	5 000	70 000	75 000
		22	20 350	271 500	291 850
Maçainhas	António João	1	1 000	20 000	21 000
	Manoel António Cidadão	1	1 500	21 500	23 000
	José Freire	1	100	1 500	1 600
	João Nunes Morgado	1	100	2 000	2 100
	Jerónimo Freire	1	150	1 500	1 650
	José Luiz Freire	1	400	3 000	3 400
	António Antunes Morgado	1	100	1 500	1 600
	Aníbal Nunes Morgado	1	200	1 800	2 000
	Manoel Vicente Morgado	1	400	2 500	2 900
	Manoel Francisco	1	400	3 000	3 400
	Jose Pires	1	200	2 000	2 200
	Eduardo Fernandes	1	500	6 000	6 500
	Julio Antunes	1	200	1 500	1 700
	Casimiro Nunes Morgado	1	400	1 500	1 900
	António Pires da Rocha	1	1 000	10 000	11 000
	Manoel João	1	1 000	8 000	9 000
	José Matias	1	7 650	1 000	8 650
	António Felipe Morgado	1		3 000	3 000
		18	15 300	91 300	106 600
Meios	Alberto Dias d'Almeida	1	600	10 000	10 600
	Aníbal Dias d'Almeida	1	600	7 000	7 600
	José d'Almeida Teles	1		2 500	2 500
	José de Sá Teles	1	200	4 500	4 700
		4	1 400	24 000	25 400
Vale de Estrela	António Bernardino da Costa	1	500	6 000	6 500
	José Augusto Galinho	1	400	9 000	9 400
	Augusto Galinho	1	200	4 500	4 700
	Adelino Antunes das Neves	1	200	3 500	3 700
	José d'Almeida Clemente	1	300	4 500	4 800
	José António Galo	1	600	4 000	4 600
	João d'Almeida Vale	1	3 600	6 000	9 600
		7	5 800	37 500	43 300

Fonte: Grémio dos Industriais de Lanifícios de Gouveia

3. A produção de cobertores de papa em Maçainhas. Registos de uma intervenção patrimonial

No âmbito do projecto TRANSLANA, em Novembro de 2003, a equipa de trabalho constituída com o objectivo de efectuar o levantamento sistemático do património industrial da área de intervenção por aquele abarcada, deu início à recolha e tratamento da documentação manuscrita e impressa sobre a produção de cobertores de papa em Maçainhas, após um prévio reconhecimento patrimonial no território. A partir dos contactos estabelecidos com o Presidente da Junta de Freguesia desta localidade, planificou-se a realização do trabalho de campo, que teve por objectivo identificar todos os vestígios associados à produção do cobertor de papa e proceder ao seu registo e à organização do respectivo processo. Foram dispendidos dois meses de trabalho intensivo com toda esta intervenção. Dispõe-se agora do registo, tão completo quanto possível, dos dados de natureza histórica e patrimonial sobre a indústria de lanifícios de Maçainhas para o efeito recolhidos.

A ainda recente conclusão desta última actividade, não permitiu o completo tratamento da informação pelo que, neste trabalho, se apresenta uma primeira abordagem da temática enunciada.

3.1 Carta do património industrial de Maçainhas: primeira abordagem

Esperávamos poder apresentar, em síntese, uma carta do património fabril edificado. Contudo, a inexistência de cartografia do perímetro da freguesia de Maçainhas adequada para o efeito, inviabilizou aquele objectivo, limitando-nos a apresentar, neste trabalho, uma planta de localização dos edifícios que, entre 1937 e a actualidade se identificaram como fábricas de cobertores e instalações associadas e ainda como edifícios com fabrico disperso (residência e local de trabalho do pequeno produtor de cobertores de papa).

Identificaram-se 3 unidades fabris (*Têxteis António João, S.A., Artur Freire e José Pires da Fonseca/Vasco Costa*) e 46 pequenas empresas, das quais 30 com existência administrativa a partir de 1937, de acordo com os dados compulsados do fundo documental do *Grémio dos Industriais de Lanifícios de Gouveia, GILG, (UBI, Museu dos Lanifícios)* e 9 identificadas através de trabalho de campo.

Tendo sido fácil registar os edifícios fabris, dificuldades foram sentidas com a localização da produção doméstica ou dispersa, ficando por identificar os locais de implantação de 14 empresas, 4 das quais situadas no perímetro da freguesia de Maçainhas e 5 fora deste.

Consulte-se, para o efeito, a planta que serviu de base à localização dos edifícios associados à produção de cobertores de papa (Fig. 16) e a respectiva legenda, assim como o Quadro 8.

Da sua análise sobressai o carácter intensivo deste fabrico na área da freguesia de Maçainhas, que apresenta uma elevada concentração de locais de produção fabril. Saliente-se que se trata de uma situação que não se apresenta isolada no contexto dos restantes núcleos produtores de cobertores de papa do distrito da Guarda, de que sobressaem as freguesias de Trinta, Meios, Vale de Estrela e Vila Soeiro (Pateiro) no concelho da Guarda, de Mesquitela no concelho de Celorico da Beira e de Vila Boa no concelho de Sabugal (Fig. 2). Todavia dispõe-se, para estas freguesias, de dados ainda não completos pelo que não é possível estabelecer, com segurança, uma comparação relativamente à densidade de instalações fabris naquelas localidades.

Segundo dados extraídos do G.I.L.G., nos finais dos anos trinta do século passado (1936), a freguesia de Trinta possuía 6 fábricas, Maçainhas e Vale de Estrela 2 cada e Meios 1. Quanto ao número de operários existentes, a freguesia de Trinta registava 255, logo seguida de Maçainhas com 120, Vale de Estrela com 70 e Meios com 64. Relativamente ao número de teares instalados, a freguesia de Trinta disporia de 67, logo seguida de Maçainhas com 40, Vale de Estrela com 21 e Meios com 16, conforme se apresenta no Quadro 7.

Quadro 7 | Fábricas e teares do Concelho da Guarda (1936).

Identificação	Maçainhas	Meios	Trinta	Vale de Estrela	Totais
Fábricas	2	1	6	2	11
Teares	40	16	67	21	144
Operários	120	64	255	70	509
Operárias	*	*	*	*	200

Fonte: ML-CD/AH, GILG, Região dos Trinta (Guarda), Col. de Correspondência F11/Pº10-Cx1
* A fonte não discrimina o número de operárias por freguesia.

Quadro 8 | Maçainhas. Empresas inventariadas. Janeiro de 2004.

	Empresa	Não marcada em Planta	Localização fora de Maçainhas	Marcada em planta	Situação actual
1	José Almeida Tavares (José Cristão)			X	c)
2	Artur Freire			X	c)
3	José Pires da Fonseca			X	d)
4	António João			X	d)
5	Manuel João			X	d)
6	Vales, João, Costas & C. ^a		a) X		
7	A Industrial Fabril de Cobertores de Papa, Lda		a) X		
8	Fernandes, Tavares & C. ^a		b) X		
9	Têxteis António João, SARL			X	c)
10	António Pires da Rocha			X	d)
11	Manuel Vicente Morgado			X	d)
12	Martíniano Filipe Morgado	X			
13	Casimiro Nunes Morgado			X	d)
14	Aníbal Nunes Morgado			X	d)
15	Eduardo Fernandes			X	d)
16	Amélia Antunes			X	d)
17	António Filipe			X	d)
18	António Fernandes			X	d)
19	António Antunes Morgado			X	d)
20	Casimiro Freire	X			
21	José Joaquim	X			
22	José Júlio Antunes		b) X		
23	Júlio Antunes			X	
24	José Matias	X			
25	José Pires	X			
26	João Pires de Almeida	X			
27	João Nunes Morgado			X	d)
28	José Antunes Morgado	X			
29	José Freire			X	d)
30	Jerónimo Freire			X	d)
31	José Luís Freire			X	d)
32	João Alexandre			X	d)
33	João Antunes de Almeida			X	d)
34	Joaquim Pires	X			
35	Manuel Francisco			b) X	d)
36	Manuel António Cidadão			b) X	d)
37	Manuel Pires da Fonseca	X			
38	Tavares Cristão Fernandes & C. ^a		X		
39	Vicente Fernandes			b) X	d)
40	Vasco da Costa (Sousa)			a) X	d)
41	José Vicente Morgado			b) X	d)
42	José Francisco de Sousa			a) X	d)
43	António Freire			a) X	d)
44	Manuel Fernandes			b) X	d)
45	José Antunes Matias			a) X	d)
46	V. ^a de Manuel Vicente Morgado			b) X	d)
47	José Pires da Fonseca, Herdeiros			b) X	d)
48	Adelaide Fernandes			a) X	d)
49	Arminda da Conceição Freire			a) X	d)

Fonte: Grémio dos Industriais de Lanifícios de Gouveia, GILG; Trabalho de campo.

a) Identificadas em trabalho de campo; b) Constantes em processos do GILG; c) Ainda a laborar; d) Encerradas.

3.2 Caracterização sumária das unidades fabris instaladas em Maçainhas

No perímetro desta localidade destacam-se 3 edifícios fabris que se revestem de importância histórica no âmbito da produção lanifical. Trata-se das fábricas *Têxteis António João, S.A.*, *Artur Freire* e *José Pires da Fonseca* e de um conjunto significativo de instalações de fabrico disperso, de que se seleccionaram 4, que se descreverão sumariamente.

3.2.1 Fábricas

3.2.1.1 Têxteis António João, S.A.

Esta empresa, a maior de Maçainhas, continua a seguir a tradição familiar da produção de cobertores de papa como uma forma de perpetuar esta actividade industrial. Embora apresente uma diversificada produção, (fabrico de cobertores, passadeiras e tapetes), ainda hoje o fabrico de cobertor de papa continua a ser o seu *ex-libris*.

A empresa iniciou a sua actividade junto ao rio Mondego, fazendo parte das sociedades *Fernandes, Tavares & C^a*, conhecida como *Fábrica Velha* e *Vales, João, Costas & C^a*, designada como *Fábrica Nova*.

Foram sócios da designada *Fábrica Velha*, José Fonseca, Manuel Cidadão, Manuel Tavares, Manuel Pires, José Fernandes, Vicente Fernandes, José Simão, Manuel Vicente, António Fernandes e Manuel João, este último fundador da *Têxteis António João, S.A.*

Como já foi referido, o industrial Manuel João também era sócio da firma *Vales, João, Costas & C^a*, conhecida como *Fábrica Nova* onde fabricava fio (1940). A propósito desta vejam-se as fotos identificadas como Fig. 6, Fig. 7 e Fig. 8, que nos mostram o estado de ruína em que se apresenta actualmente. Em 1938, o quadro de pessoal desta firma era constituído por 11 indivíduos (dos quais 5 menores). No ano seguinte surgiu a designação de *Vales, João, Costas, Clemente & Galinho*, a nova fábrica no vale do Mondego de fiar e cardar lã, segundo dados do G.I.L.G. Trata-se de duas designações comerciais que terão coexistido no tempo.

O seu sistema de produção era em tudo similar ao da *Fábrica Velha*⁷, existindo como uma unidade exclusivamente utilizada, a título individual, pelos seus sócios.

Em 1942, esta firma possuía 6 teares, embora apenas 3 estivessem em laboração. Em 1943, registou-se uma alteração na designação comercial da firma, passando para *A Industrial Fabril de Cobertores de Papa, Lda*.⁸. Nos anos de 1937, 1938, 1939 e 1940, cardou e fiou para as empresas de Manuel António Cidadão, *António João*, Manuel de Almeida Vale, José de Almeida Clemente, João de Almeida



Figura 3 | Maçainhas, vista geral. Ao fundo, à esquerda da foto, vêem-se os edifícios da *Têxteis António João, S.A.*



Figura 4 | Complexo industrial da firma *Têxteis António João, S.A.*, vista parcelar.

⁷ Esta unidade fabril não foi, até ao momento inventariada atendendo às dificuldades resultantes da sua actual inacessibilidade. Contudo deve registar-se que da empresa que a geriu faziam parte os Tavares, identificação que igualmente aparece referida no Inquérito Industrial de 1881 a propósito da Fábrica do Vale do Mondego, fundada em 1850 por João da Fonseca Corsino e que então «se encontrava arrendada à firma social Jorge e Tavares», caracterizada por produzir então «unicamente cobertores dela», como já foi referido no final do capítulo 3 este texto.

⁸ Também designada de *A Industrial Fabril de Fabricantes de Cobertores, Lda*.



Figura 5 | Tardoz do edifício da cardação e fiação.



Figura 6 | Ruínas do edifício da *Fábrica Nova* (Vila Soeiro). Engrenagem da roda hidráulica.

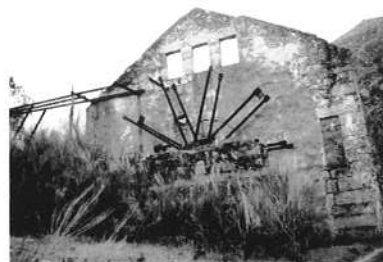


Figura 7 | Ruínas do edifício da *Fábrica Nova* (Vila Soeiro), vendo-se, em primeiro plano, a estrutura em ferro da roda hidráulica.



Figura 8 | Alçado lateral da *Fábrica Nova* (Vila Soeiro)

Vale, António de Almeida Vale, António Bernardino da Costa, Viúva de Augusto Galinho e José Augusto Galinho, não produzindo por isso fios por conta própria.

Em 1959, tinha ao seu serviço 21 operários. Cancelou a sua actividade em Junho de 1965, sendo as instalações adquiridas pelo industrial António João, que a transferiu para Maçainhas, sítio do Pombal, onde se manteve até ao presente. António João terá adquirido o alvará da referida firma em 1951, após um incêndio que destruiu esta unidade fabril, conforme refere Maria do Céu Oliveira Reis, na sua obra *Notas sobre o cobertor de papa de Maçainhas*.

A primeira referência que aparece relacionada com o industrial António João, reporta-se a 1936, no G.I.L.G. com a designação de *Fábrica de cobertores e mantas de lã, para o consumo do Continente e África. Negociante de lãs e outros artigos*. Em 1940, era sócio igualmente das firmas *Vales, João, Costas & Cª* e *Fernandes, Tavares & Cª*, na sequência da actividade industrial de seu pai Manuel João. As fábricas acima referidas eram então equipadas com 4 sortidos. Para além de deter quota nas referidas firmas, possuía, em Março de 1943, uma oficina de tecelagem de cobertores de papa, onde trabalhavam 11 operários.

Por escritura pública em 2 de Outubro de 1971, surgiu a firma *Têxteis António João, S.A.R.L.* Esta empresa constituída como sociedade anónima de responsabilidade limitada, tinha por objecto o exercício da indústria têxtil, e um capital social de 10.000.000\$00, sendo seus sócios José João das Neves, Francisco João das Neves, António João, Manuel João das Neves, Sérgio Manuel Ramos dos Santos, Maria Judite de Meneses, João das Neves Santos, Fernando de Almeida Fernandes, Maria do Céu Neves, Maria Henriqueta de Meneses Lopes de Carvalho, Maria de Jesus dos Reis e João das Neves.

Actualmente este complexo industrial, com a designação comercial de *Têxteis António João, S.A.*, é uma fábrica com as secções de fiação de fios industriais e de *tricot*, de tecelagem de cobertores e de tinturaria.

Este complexo é constituído por vários edifícios de pedra, de fenestração regular, com cobertura de duas águas e telhados em telha marselha e fibrocimento. Como estruturas associadas dispõe de escritórios e serviços sociais, refeitório, logradouro, râmolas de sol, oficinas, poço e depósito de água, posto transformador e ainda de uma vasta área de produção agrícola.

Foi projectado para ter como áreas produtivas as secções de cardação, fiação, tecelagem, tinturaria, sendo ainda dotado de armazéns.⁹

Hoje esta firma conta com 42 trabalhadores, uma frota de viaturas própria e um sistema de fabrico completo.

3.2.1.2 Fábrica Artur Freire

O edifício da firma *Artur Freire, Fábrica de Cobertores* apresenta-se com uma arquitectura marcadamente industrial. Sofreu, ao longo do tempo, algumas adaptações, continuando, até à actualidade, a produção de cobertores de papa, apesar da quebra do consumo deste artigo regional nos mercados. No fabrico dos prestigiados cobertores de papa por processos tradicionais emprega 2 trabalhadores e dispõe de um vasto equipamento técnico, de que se destaca o pisão e as râmolas de sol. Presta ainda serviço de acabamento a *José Almeida Tavares* (conhecido como José Cristão), também este industrial de cobertores de papa, actualmente, em actividade.

A génese desta unidade fabril reporta-se às margens do rio Mondego, onde se localizavam as primeiras instalações de produção dos cobertores de papa, para aproveitamento da energia hidráulica, e teve início na conhecida *Fábrica Velha*, empresa designada por *Fernandes, Tavares & C^a*, localizada no perímetro da freguesia de Vila Soeiro, junto ao lugar do Pateiro. Os seus sócios fundadores foram José Fonseca, Manuel João, Manuel Tavares, José Fernandes, José Simão, Manuel Cidadão, António Fernandes, Manuel Vicente, Manuel Pires e Vicente Fernandes.

Em data não identificada, registou-se uma alteração do pacto social da firma, entrando como sócios Artur Freire e António Pires da Rocha.

O alvará (fiação) da firma *Tavares, Fernandes & C^a* foi adquirido por Artur Freire, transferindo a actividade industrial para Maçainhas. Todavia, durante algum tempo a produção continuou a realizar-se junto ao rio e em Maçainhas. Nos anos 30, este industrial, aparece identificado no G.I.L.G., como «fabricante de cobertores e mantas de lã». Em 1943 a sua oficina de tecelagem era composta por 6 teares manuais.

A empresa mantém a actividade de produção de cobertores de papa com um cariz familiar, dedicando-se vários elementos da família Freire, ao seu fabrico, perpetuando esta actividade, desde 1966 até ao presente, o actual proprietário, José Pires Freire.

A fábrica também conhecida por *Fábrica do Pateiro – Fábrica Velha*, vem referenciada no G.I.L.G., nos anos 30, como sendo uma unidade exclusivamente utilizada pelos seus sócios, que continuam, a título individual, a actividade de produção de cobertores de papa. Em 1937 possuía no seu quadro de pessoal 10 trabalhadores (8 homens e 2 mulheres) e dispunha de 148 fusos, não tendo todavia teares.

Numa relação dos indivíduos para os quais a fábrica cardou e fiou, por conta alheia, nos anos de 1937, 1938, 1939 e 1940 constam António Cidadão, Artur Freire, António Pires da Rocha, Manuel João, Manuel Vicente Morgado, António João e Aníbal Nunes Morgado.

9

Segundo cópia do documento «Levantamento topográfico da fábrica, de seus pertences, do Exmo. Sr. António João, Maçainhas», escala 1: 500, Guarda, Janeiro de 1971, gentilmente cedido pelo proprietário.



Figura 9 | Alçado principal da Fábrica Artur Freire.



Figura 10 | Râmolas de Sol da Fábrica Artur Freire.



Figura 11 | Alçado principal da Fábrica José Pires da Fonseca

3.2.1.3 Fábrica de José Pires da Fonseca

O edifício que actualmente ocupa esta empresa não corresponde ao de origem, pois este, segundo fontes orais, sofreu um incêndio cerca de 1974/5, que o destruiu por completo. Da construção primitiva pouco resta, face à remodelação sofrida, que o transformou, de uma casa de dois andares, num edifício de um só piso. Ainda persistem actualmente os portões de entrada de origem, que davam acesso à unidade fabril.

Em 1936, José Pires da Fonseca, dedicava-se ao fabrico de cobertores e mantas de lã, para consumo de África e Continente. Em 1943, a sua oficina de tecelagem era composta por 5 teares manuais para o fabrico de cobertores de papa. No ano seguinte foi autorizado a transferir para a sua fábrica 2 segundas cardas, de 2 aparatos cada, 1 fiação manual de 300 fusos, 1 pisão, 1 batano, 1 abridor manual, 1 urdideira manual, 1 lavadeira manual, 8 teares manuais de 2,20 m, 1 torno mecânico de 2,30 m e 1 motor a gás pobre de 30 Cv.

Segundo informação oral, José Pires da Fonseca, esteve associado à empresa de Artur Freire, chegando a constituir uma sociedade informal que durou cerca de 10 anos, cessando a mesma por volta de 1947.

Em 1960/61, a designação comercial da firma era «José Pires da Fonseca, Herdeiros». Era uma fábrica de cobertores, com cardação, fiação de lãs e fios para tapetes, sendo o seu quadro de pessoal permanente constituído por 30 trabalhadores.

No espaço actualmente existente, que se encontra devoluto, esteve a laborar o industrial Vasco Costa Sousa. Este industrial constituiu uma sociedade com José Pacheco Fojo, designada de *Costa & Pacheco, Lda*.

Este industrial foi um dos mais importantes em Maçainhas, uma vez que a primeira fábrica construída nesta localidade lhe pertenceu. De acordo com a publicação de Maria do Céu Baía Oliveira Reis, já citada, esta fábrica «(...) era accionada por um motor a petróleo, alugado em Alcafozes e que estava ligado a um tractor. O alvará pertencia à antiga fábrica dos Carriços».

3.2.2 Fabrico Disperso

Do conjunto de edificios de fabrico disperso inventariados, salientam-se, como meramente ilustrativos, os seguintes:

3.2.2.1 Júlio Antunes

Como os restantes, este edifício destinava-se a residência do proprietário e à instalação dos equipamentos de tecelagem de cobertores de papa. Apresenta-se como uma casa em pedra, de dois pisos,



Figura 12 | Edifício de fabrico disperso - Júlio Antunes.

com cobertura de duas águas, tendo sido intervencionada recentemente, apesar de manter ainda a sua estrutura inicial.

Desde 1940 que Júlio Antunes vem referenciado¹⁰ no G.I.L.G. como fabricante de artigos regionais, com uma fábrica de cobertores de papa. Após o seu falecimento, a viúva, Arminda da Conceição Freire, continuou esta actividade. Segundo ela o fabrico possuía 2 teares de pau que produziam 7 a 10 cobertores por dia.

3.2.2.2 José Luís Freire

Trata-se de uma casa em pedra, de dois pisos, com cobertura de 4 águas e fenestração regular. Foi recentemente intervencionada, mantendo, contudo, a sua volumetria original.

No G.I.L.G. este industrial vem referenciado, em 1942, como tendo 2 teares que se destinavam a produzir cobertores de papa.

3.2.2.3 Aníbal Nunes Morgado

O edifício em pedra, onde se localizava esta pequena empresa característica do fabrico disperso, apresenta-se com dois pisos e uma cobertura de 4 águas, tendo sido intervencionada recentemente.

No G.I.L.G. aparece referenciado pela primeira vez em 1936. Em 1941, este industrial possuía um estabelecimento de mercadorias e miudezas, sendo identificado como «fabricante de cobertores, campainhas e todos os artigos pertencentes a esta arte». Tinha ao seu serviço 1 tecelão e 1 enchedeira.

Em 1942, Aníbal Nunes Morgado associou-se a Eduardo Fernandes, Casimiro Nunes Morgado, António Filipe Morgado, Martiniano Filipe Morgado e Manuel Vicente Morgado, formando uma só firma, que teve uma curta duração.

3.2.2.4 Manuel António Cidadão

Esteve instalado numa casa em pedra, de 3 pisos, com cobertura de 2 águas e fenestração em guilhotina, conforme aparece documentado na fotografia da Fig.15.

Aparece referenciado pela primeira vez no G.I.L.G., em 1935, como «fabricante de cobertores e mantas de lã, para consumo do Continente e África». Em 1942, possuía 3 teares.

10

Pº 10, Região dos Trinta (Guarda). *Colecção de Correspondência* do Grémio de Industriais de Gouveia (GILG), UBI, ML (Fundo 11 / Pº 10-Cx 2)



Figura 13 | Edifício de fabrico disperso - José Luís Freire.



Figura 14 | Edifício de fabrico disperso - Aníbal Nunes Morgado.



Figura 15 | Edifício de fabrico disperso - Manuel António Cidadão.

**Unidades fabris em Maçainhas
(Cobertores de Papa e Mantas de Lã)**

- 1** Têxteis António João S.A.R.L.
2 Artur Freire
3 José Pires da Fonseca/Vasco da Costa

Fabrico disperso (doméstico):

- 4 Eduardo Fernandes/Amélia Antunes
- 5 José Freire
- 6 Jerónimo Freire
- 7 Manuel António Cidadão
- 8 José Vicente Morgado
- 9 Casimiro Nunes Morgado
- 10 António Filipe
- 11 Manuel Vicente Morgado
- 12 Aníbal Nunes Morgado
- 13 Manuel Francisco
- 14 António Pires da Rocha
- 15 José Francisco de Sousa
- 16 Júlio Antunes
- 17 João Antunes Almeida / António Antunes Morgado
- 18 José Luís Freire
- 19 António Freire
- 20 Manuel Fernandes
- 21 João Alexandre
- 22 João Nunes Morgado
- 23 Vicente e António Fernandes
- 24 José Antunes Matias
- 25 José Almeida Tavares
- 26 Râmolas de Sol (Têxteis António João S.A.R.L.)
- 27 Râmolas de Sol (Artur Freire)

Figura 16 | Maçainhas: Fábricas e edifícios de fabrico disperso



4. Dos Fios aos Desafios

Procurámos, através deste trabalho, alguns dos fios, no emaranhado do novelo da(s) história(s) da indústria de cobertores de papa de Maçainhas. Utilizando metodologias emprestadas pela história e pela arqueologia/patrimoniologia industrial, registámos, numa primeira abordagem ao estudo deste tema, um conjunto de dados que, nos permitirá clarificar, com maior segurança, a importância histórica desta produção a nível local e regional.

Trata-se, contudo, de um registo feito em vésperas do desaparecimento desta indústria. Efetivamente, das 49 empresas que laboravam em Maçainhas em meados do séc. XX, restam actualmente 3, das quais somente 2 continuam dedicadas à produção de cobertores de papa.

A tecnologia que, ao longo do tempo foi utilizada no fabrico destes cobertores, dadas as características do produto, pressupõe o domínio de conhecimentos e de práticas ancestrais que importa salvaguardar. É que o cobertor de papa constitui o produto final de um longo processo que plasma uma densidade de memórias, sejam elas as dos homens que os produziram, sejam as daqueles que, ao longo dos tempos, os consumiram, uns e outros unidos pelos fios da lã que os teceram, num tempo longo da nossa história dos lanifícios. Os primeiros arrostando uma carga pesada de trabalhos e canseiras: numa primeira e longa fase desta produção (até ao primeiro quartel do séc. XX), carregando ora com a lã, para ser lavada, ora com o cobertor tecido, para ser ultimado, pelas veredas íngremes até ao rio Mondego para aproveitar da abundância e qualidade da água e da sua força motriz, calcorreando ainda caminhos distantes em busca tanto de matérias-primas como de feiras e mercados para o escoamento do produto fabricado. Os segundos protegendo-se com eles dos rigores inverniais. O cobertor de papa encerra em si memórias tanto da dor sofrida quanto do prazer/conforto de todos os que o associaram às suas vidas.

Apresenta-se ainda hoje como um produto genuíno, produzido num território bem demarcado, com uma identidade que justifica o seu acesso e integração numa rota peninsular da lã.

Trata-se de um novo desafio que se coloca à comunidade de Maçainhas. Vencê-lo-á se conseguir preservar a autenticidade deste produto, aliando à tradição a necessária inovação, restaurando-lhe alguma da qualidade perdida e adequando-o a novos usos.

Urge preservar todo o saber-fazer associado a este produto, mas, igualmente, salvaguardar os espaços produtivos e as marcas deixadas na paisagem. Os edifícios fabris e as estruturas a eles associadas, como é o caso das râmolas de sol, merecem os cuidados de uma preservação de qualidade, enquanto evidências de um património cultural. Para além destas, há ainda um vasto património

material que contribuirá depois de salvaguardado, para clarificar o lastro histórico da freguesia de Maçainhas enquanto comunidade viva. Ancorada no passado, poderá projectar, com confiança, o seu futuro.

Referências

Fontes manuscritas

Junta do Comércio (JC) Inquérito Industrial pombalino Relação das fábricas em 1788 Estatísticas Industriais 1814

Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (AHMOP)

Ministério do Reino (MR) Correspondência recebida com mapas de fábricas existentes (1848-1851)

Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior, Centro de Documentação / Arquivo Histórico (ML/CD-AH)

- Colecção de Correspondência do *Grémio dos Industriais de Lanifícios de Gouveia* (1936-1945).

Fontes impressas

ALBUQUERQUE, João da Costa Brandão e - *Censo de 1878*. Lisboa: Typographia Universal, 1789.

ANDRADE E SILVA, José Justino de - *Collecção Chronologica de Legislação Portuguesa*: compilada e anotada. Vols. I a X (1603 a 1700). Lisboa: Imprensa de J. J. A. Silva, 1854-1859.

Carta Militar de Portugal, escala 1/25000. Lisboa: Serviço Cartográfico do Exército, [s.d.]⁸

DIAS, Luiz Fernando de Carvalho - A política económica do Conde de Ericeira: *Revista Lanifícios*. Ano IV. Lisboa: 1953 e seguintes.

DIAS, Luiz Fernando de Carvalho - *História dos Lanifícios (1750-1834): documento*. Vol.1. Lisboa : [s.n.], 1958.

Governos Cívicos - *Relatórios*: 1856-59, [Encadernado]. [s.l.: s.n.; s.d.]

Governos Cívicos - *Relatórios*: 1860-64, [Encadernado]. [s.l.: s.n.; s.d.]

INQUÉRITO INDUSTRIAL de 1865, Lisboa: [s.n.], 1865

INQUÉRITO INDUSTRIAL de 1881, 3 partes, Lisboa: Imprensa Nacional, 1881-1882.

LEAL, A. Soares Azevedo Barbosa Pinho - Portugal antigo e moderno: *dicionário geográfico, estatístico, chorographico*. Lisboa: Livraria Editora Mattos, Moreira e Cardosos, 1873.

LIMA, D.Luiz Caetano de - *Geografia histórica de todos os estados soberanos da Europa*, Tomo II, Lisboa Occidental: Officina de Joseph António da Sylva, 1736.

MANIQUE, Diogo Inácio de Pina - *A População de Portugal em 1798*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

MORAIS, J. A. David de, A Transumância de gados serranos e o Alentejo. 3ª Ed.: Évora, Câmara Municipal, [s.d.] Novos Estudos Eborenses.

Relatório sobre o estado de administração pública nos distritos administrativos: 1866, Lisboa: Imprensa Nacional, 1868

Bibliografia

- ANQUETIL, Jacques - *Les Routes de la laine*. [S.l.]: Jean-Claude Lattès, 2001.
- CAMPOS, Ezequiel de - *O Enquadramento geo-económico da população portuguesa através dos séculos*. 2ª ed., Lisboa : Revista Ocidente, 1943.
- CASTRO, Ferreira de - *A lã e a neve*. 13ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1979.
- DIAS, João José Alves - *Gentes e espaços*. Vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta de Investigação Científica e Tecnológica, 1996.
- DIAS, Jorge - Aspectos da vida pastoril em Portugal. In: *Revista de etnografia*. Porto: Museu de Etnografia e História, 1965.
- GIRALDES, J. J. Vaz Preto - Os pastos comuns (1862). In: CABRAL, Manuel Villaverde - *Materiais para a História da questão agrária em Portugal: séc. XIX e XX*. Porto: Inova, 1974.
- JACOUPLY, Jacqueline - *La transhumance*. Paris: Librairie Stock, 1933.
- KLEIN, Julius - *La Mesta: estudio de la Historia Economica española 1273-1836*. 3ª reimp. Madrid : Alianza Editorial, 1990.
- LEÃO, Duarte Nunes de - *Descrição do Reino de Portugal, em que se trata da sua origem, produções, das plantas, minerais e fructos (...)*. Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira, 1785.
- LEÃO, Duarte Nunes de - *Leis extravagantes*. Lisboa : António Gonçalves, 1569. Ed. facsimilada da Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- LUZIA, Ângela, MAGALHÃES, Isabel, TORRES, Cláudio - *Mantas tradicionais do Baixo Alentejo*. Mértola : Campo Arqueológico de Mértola, 1984.
- MARTINHO, Alberto Trindade - *O pastoreio e o queijo da Serra da Estrela*. [S.l. : s.n.], 1978. (Parques Naturais).
- NEVES, Francisco Correia das - *Da Serra da Estrela ao Campo de Ourique - memorial da antiga transumância*. Beja: Associação de Criadores de Ovinos do Sul, 2001.
- ORDENAÇÕES FILIPINAS - *Ordenações Filipinas*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1870. Ed. facsimilada da Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- PINHEIRO, Elisa Calado - *A Covilhã na rota da lã - do artesanato à industrialização*: Boletim do Museu da Indústria Têxtil. Vila Nova de Famalicão, 1997
- PORTUGAL. Direcção-Geral da Pecuária - *Recursos genéticos, raças autóctones: espécies ovina e caprina*. 2ª ed. [S.l.]: Associação de Criadores de Ovinos do Sul 1991. (Série Divulgação).
- REIS, Maria do Céu Baía Oliveira - *Notas sobre o cobertor de papa de Maçainhas*. Guarda: Câmara Municipal, 2003.
- RIBEIRO, Orlando - *Contribuição para o estudo do pastoreio na Serra da Estrela*. Rev. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1940-41.
- RODRIGUES, Adriano Vasco - *Os lusitanos: mito e realidade*. Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, 1998.
- RODRIGUEZ PASCUAL, Manuel - *La trashumanci: cultura, cañadas y viajes*. 3ª ed. [S.l. : s.n.], 2002.
- SILA, A. R. Pinto de, TELES, A. N. - *A flora e vegetação da Serra da Estrela*. [S.l. : s.n.], 1980. (Parques Naturais).
- SILBERT, Albert - *Le Portugal méditerranéen à la fin de l'Ancien Régime*. 3 vols. Lisboa: Instituto de Investigação Científica, 1978.
- TRINDADE, Maria José Lagos - *A vida pastoril e o pastoreio em Portugal nos séc. XII a XVI*. Lisboa: Coop. Editora História Crítica, 1981. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa, em 1962.
- VICENTE, Gil - *Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela*. Porto: Lello & Irmão, 1965.

Entrevistas

Arminda da Conceição Freire, 14 de Janeiro de 2004.

Dulce Helena, 5 de Dezembro de 2003.

Francisco João das Neves e esposa, Maria Jesus dos Reis João das Neves, 5 de Dezembro de 2003 e 14 de Janeiro de 2004.

José Almeida Tavares e esposa, Maria Idalina Costa Teles Tavares, 14 de Janeiro de 2004.

José Manuel Simões de Oliveira Pacheco, 5 de Dezembro de 2003 e 14 de Janeiro de 2004.

José Pires Freire, 14 de Janeiro de 2004.

Maria do Céu Baía Oliveira Reis, 5 de Dezembro de 2003.

Maria Ilda Freire Antunes, 14 de Janeiro de 2004.

Serafim Alexandre e esposa, Antónia dos Santos Morgado, 14 de Janeiro de 2004.

Maçainhas in the wool itinerary: from thread through challenges

by Elisa Calado Pinheiro

Director of the Wool Museum of the University of Beira Interior

Introduction

The essay by Elisa Calado Pinheiro presents the first conclusions of the investigation developed on the wool thematic in the Beira Interior region as well as in the Spanish Extremadura. It is also involved within the scope of the project “The Wool Itinerary – Translana”. Lying on a trans-frontier perspective, this project aims to deepen the anthropologic research on the peninsular routes of wool, as well as on the transhumance itineraries of the flocks. It is also this investigation’s objective to safeguard the patrimonial vestiges and integrate them in the two museums harbouring this project: The Wool Museum of the University of Beira Interior in Covilhã and the Vostell Museum in Malpartida de Cáceres.

The historic context of the woollen blankets manufactured in Maçainhas

Wool has always been a valuable raw material in the Iberian Peninsula, especially in the region of Serra da Estrela. The wool production and the manufacture of cloths underwent a high degree of specialization in this region, which led to the development of several production centres, polarized in two regions: in Covilhã (Portugal) and in Cataluña and in Castilla-Leon (Spain).

Located in the County of Guarda, Maçainhas integrates the vast region of Serra da Estrela, which has been a target destiny for shepherds and their flocks since the prehistoric times. Being, therefore, part of some of the most important peninsular wool routes. In this region one can find sheep species as important as the merino from the Beira Baixa and the “mondegueira” (i.e. from the Mondego River). Merino sheep are best known for their fine wool, while the “mondegueira” species, whose wool is used in the industrial production of blankets and tapestry, is well-known due to the quality of its milk, which is used to produce the Serra da Estrela Cheese. It must be taken into account that 20% of the sheep in the world belong to the merino species, originally from the Extremadura. The wool of these two species has provided for the intensive wool manufacture scattered around the whole Beira Interior.

In Maçainhas the industrial production of woollen blankets started in the middle of the 19th Century and spread due to the factory founded by João da Fonseca Corsino in the Mondego valley, which was powered by water energy. The village, as well as the neighbouring parishes – Meios and Trinta – started to dedicate themselves intensively to this sector, which became more and more industrialized till the middle of the 20th Century. The increase of specialized production in the region can put forward an explanation for the population settlement and its continuous growth, particularly in Maçainhas, where a great concentration of manufacture units could be found. Nevertheless, in Guarda’s County

this was also visible in other parishes as in Trinta, Meios, Vale de Estrela and in Vila Soeiro. By the end of the 30's there were 6 factories, 255 workers and 67 looms in the Parish of Trinta; Maçainhas counted 2 factories, 120 workers and 40 looms, Vale de Estrela had 2 factories, 70 workers and 21 looms; and lastly in Meios there was 1 factory, with 64 workers and 16 looms.

Maçainhas in the wool itinerary: from thread through challenges

At present three factories remain in Maçainhas, two of which are devoted to the production of woollen blankets. This fact points out the urgency in preserving the ancestral knowledge necessary for the whole process of blanket manufacturing. The blankets represent the final product of a long process behind which stands enclosed the memory of those who gave the effort of their lives to that painful labour and of those to whom woollen blankets still represent pleasure and comfort. Both, manufacturers and consumers, united by woollen threads, have woven the history of wool.

Being a genuine product, made in a well identified territory and possessing its own identity, the access and integration of the woollen blanket in a Peninsular Itinerary of Wool is justified. Harboursing on its patrimonial heritage Maçainhas has now a new challenge that will allow the village to face the future in a better way.



I. Cobertor branco com três listas castanhas

Função	Cobertor de cama e objecto de decoração
Matéria-prima	Lã de ovelha churra
Medidas	Comp. 230 Cm; Larg. 180 Cm
Peso	3 Kg
Oficina	José Pires Freire
Morada	Maçainhas
Freguesia/Concelho	Maçainhas/Guarda





2. Manta barrenta ou manta de pastor

Função	Agasalho dos pastores e objecto de decoração
Matéria-prima	Lã de ovelha churra
Medidas	Comp. 230 Cm; Larg. 180 Cm
Peso	3 Kg
Oficina	José Pires Freire
Morada	Maçainhas
Freguesia/Concelho	Maçainhas/Guarda





3. Manta lobeira ou manta espanhola

Função	Cobertor de cama e objecto de decoração
Matéria-prima	Lã de ovelha churra
Medidas	Comp. 230 Cm; Larg. 180 Cm
Peso	3 Kg
Oficina	José Pires Freire
Morada	Maçainhas
Freguesia/Concelho	Maçainhas/Guarda





4. Cobertor branco

Função	Cobertor de cama e objecto de decoração
Matéria-prima	Lã de ovelha churra
Medidas	Comp. 230 Cm; Larg. 180 Cm
Peso	3 Kg
Oficina	José Pires Freire
Morada	Maçainhas
Freguesia/Concelho	Maçainhas/Guarda





5. Cobertor bordado à mão

Função	Cobertor de cama e objecto de decoração
Matéria-prima	Lã de ovelha churra
Medidas	Comp. 230 Cm; Larg. 180 Cm;
Peso	3 Kg
Oficina	José Pires Freire
Morada	Maçainhas
Freguesia/Concelho	Maçainhas/Guarda



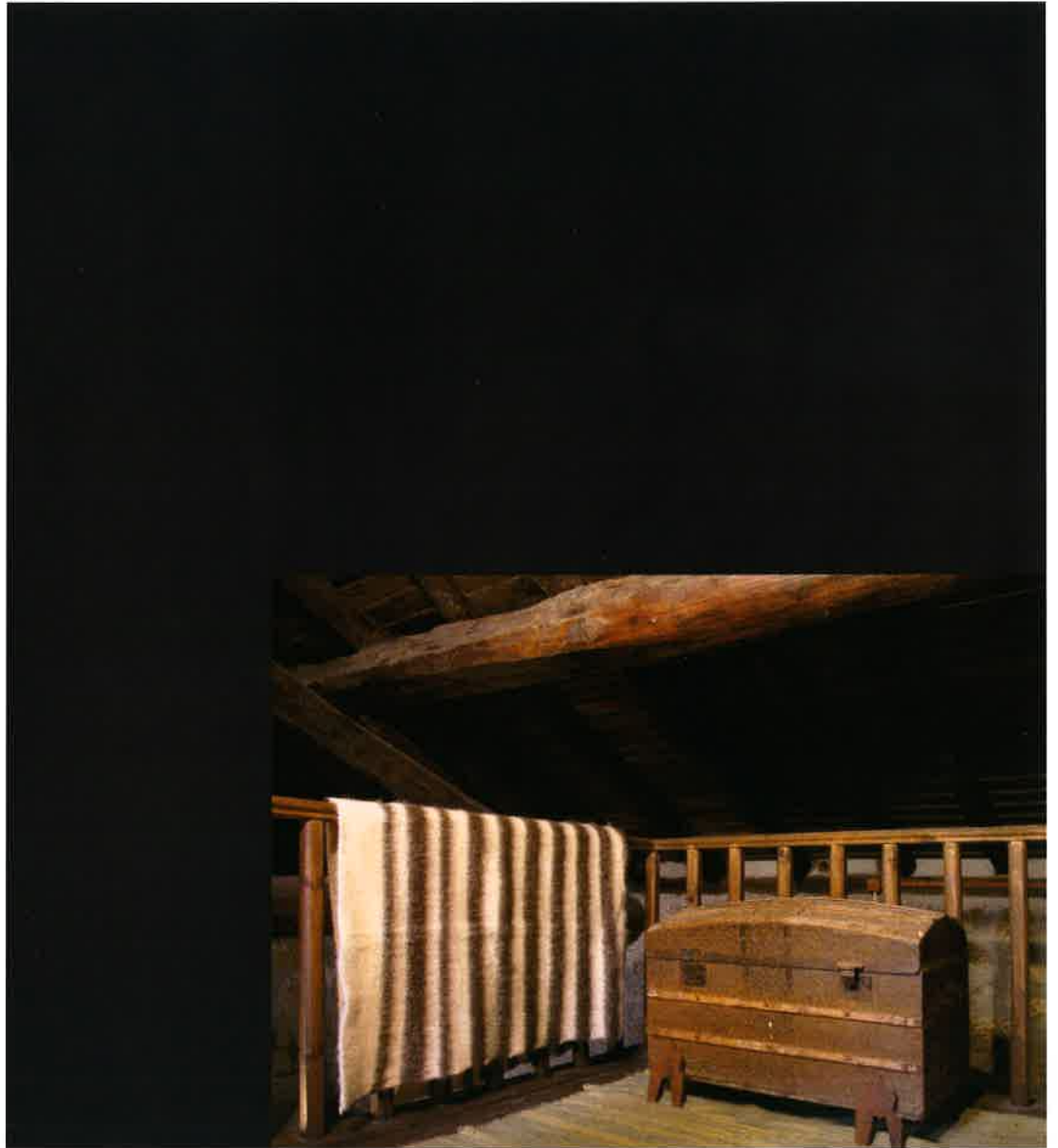


6. Cobertor de papa (cores várias: vermelho, verde, castanho...)*

Função	Cobertor de cama e objecto de decoração
Matéria-prima	Lã de ovelha churra
Medidas	Comp. 220 Cm; Larg. 170 Cm
Peso	3 kg
Oficina	Têxteis António João
Morada	Maçainhas
Freguesia/Concelho	Maçainhas/Guarda

* Já não se produzem









Fotos realizadas na
Quinta do Rêfrio

O último campainheiro de Maçainhas: António Bernardo da Fonseca

Alberto Correia

Maçainhas, no concelho da Guarda é, por tradição, terra de campainheiros.

O imaginário local faz recuar ao tempo das invasões francesas, vão quase duzentos anos, a origem remota deste ofício. E este contar que tem jeito de lenda, fala de um estrangeiro que ali pára, se prende de amores por uma rapariga do lugar e por lá fica exercendo seu mester de caldeireiro que depressa ganha fama nos mercados da vizinhança. E ele ou seus filhos teriam aprendido depois a arte de fazer campainhas com os fundidores de sinos que às vezes chegavam, vindos do Norte, dos termos de Braga, para reparar, em tendas montadas na ocasião, um sino rachado na torre de uma Igreja.

Os pastores da Serra da Estrela que ficava vizinha e que subiam às feiras da cidade e das vilas da região experimentavam o tinir das campainhas e levavam depois os jogos delas e depressa a serra se enchia com o compasso daqueles sons.

E assim nasceram os campainheiros de Maçainhas, ofício de famílias que guardavam pequenos segredos que apenas se transmitiam ao filho mais novo que ficaria seu único guardião, não os mais velhos a quem os pais mandavam ensinar outro ofício para que com eles não viessem a competir com mais engenho, impedindo-os deste modo de criar os filhos ainda crianças.

António Bernardo da Fonseca aprendeu com o padrinho, Aníbal Morgado, a arte que agora só exerce para satisfazer encomendas de amigos que já nem são pastores. Ao tempo, vão cinquenta anos, havia ainda três oficinas no lugar e eram bons os proventos dessa arte “do velho fazer novo”, como se dizia.

António Morgado ficara sozinho, que o filho mais velho casara e embarcara para a América e requereu a ajuda do afilhado, tinha este na altura doze anos. E foi então que aprendeu o ofício e os segredos dele, que mais não eram que esse sábio caldear do cobre e do estanho, esse rigor empírico da proporção que traria o inegalável som das campainhas.

Duas fases distintas requeria o ofício: o tempo prévio da fundição e o sequente acabamento, ambos demorados, cada um dos momentos feito de muitos gestos e saberes que se ajudavam com modestas ferramentas.

O trabalho começava cedo, na oficina, junto à **banca de moldagem**, uma arca cheia de “areia” trazida da Ria de Aveiro.

Sobre a larga travessa de madeira presa no interior das faces maiores da banca dispunha-se a

caixa de moldar, caixa de madeira adequada, na dimensão, aos moldes das campainhas que se iriam construir. Estes colocavam-se dentro daquela caixa envoltos na areia que se batia, para a compactar, com um torno de madeira.

Depois era um jogo demorado ajustando esta caixa de moldar, dita fêmea a outra caixa dita o molde macho, miúdas tarefas que gerariam aquele vazio, a **alma**, onde se derramaria o metal fundido através de um canal (o **gito**) aberto na terra do molde macho.

No **forno** levantado num canto da oficina seguia, de caminho, a fundição da mistura certa de cobre e do estanho, matéria-prima de qualidade superior recuperada dos resíduos de outras indústrias ou adquirida no comércio.

O forno era uma espécie de fossa cavada por canteiro sabedor em pedra escolhida e depois barrada com greda de acordo com a medida requerida pela dimensão do ofício.

Dentro colocava-se o **cadinho** de barro refractário com a matéria-prima a fundir e calcava-se em volta com carvão de torga feito à moda antiga pela serra onde a urze abundava, ou o carvão especial comprado noutros mercados. Acendia-se o lume e o ar que circulava através de uma chaminé construída com a ajustada altura depressa fazia atingir a temperatura dos quase 1500 graus centígrados necessários para a boa fusão do metal.

Pousado o molde (agora macho e fêmea unidos pela pressão de cavilha introduzida nas aselhas laterais de ambos) no chão da oficina, o artesão retira a cobertura do forno, uma grossa placa de ferro, prende com gesto firme de tenaz de longos braços a parede do cadinho, limpa com a **espadeta** (comprida haste de ferro) a **jorra** ou impurezas do cadinho e vaza com movimento rápido a massa liquefeita na boca do gito feita ao jeito de funil.

Guarda-se o cadinho, os moldes sobem à travessa da banca de moldar, e ali se desapertam os moldes em cuja alma havia nascido agora o corpo de meia dúzia de campainhas.

Inicia-se agora outra demorada fase, o acabamento.

Sentado num banco, o artesão prepara uma série de **badalos** que haviam sido fundidos previamente, de forma semelhante, utilizando apenas, para este fim, metal menos nobre. Com martelo e fortes pancadas retira, sobre **saфра** de bronze montada no **cepo de rebarbar**, as rebardas deixadas pela fundição. Sentado ainda lima a base maior da roda das campainhas que coloca, à vez, de acordo com o seu tamanho, nos orifícios abertos num tronco de madeira, ferramenta sem nome que pousa, inclinada do chão ao banco, entre os joelhos. Depois ajeita a pega da campainha na **forqueta**, coloca o badalo com um alicate redondo e encerra o ciclo afinando o som da campainha num banco com torno sobre o qual, com uma lima, vai desgastando o metal da parede da campainha com aquele certo saber que

irá gerar aquela magia do soar e a cor quase dourada daquele bronze ainda sem uso.

Estão prontas, agora, as campainhas que se definem, entre maiores e menores, em número de treze, como um jogo. E assim são numeradas segundo uma tabela que se inicia com dois zeros, a mais pequena, um zero, a seguinte, depois os números de um a dez, a que se segue a última, e maior, o **esquilão**, que não é numerada.

António da Fonseca acrescentou, mais tarde, ao jogo, a décima quarta campainha, e marcou-a, homenageando a serra e os pastores, com uma estrela de cinco pontas.

Na alma do molde guardam-se estes registos e quase sempre outros sinais, cruzes de vários feitios, por exemplo, que os pastores procuram com frequência.

É que este sinal de maior procura e uso, a cruz, torna-se exorcismo, na serra, afastando os perigos demoníacos das ameaças dos lobos, das quedas em precipícios de rezes pouco cautelosas, de perdas em nevoeiro, de roubos da gente.

As campainhas, os pastores escolhiam-nas também nas feiras, sobre as bancas donde as retiravam e escolhiam em longas experiências para escutar o tinir certo que eles gostavam de ouvir sobre as encostas da serra ou nos caminhos longos que as ovelhas percorriam entre pastos e currais, às vezes no caminho maior da transumância.

De mais longe, de Além-Douro chegavam também as encomendas dos jogos de campainhas. E eles enchiam caixas de madeira e enviavam-nas para Chaves, Urros, Moncorvo, Torre de D. Chama e assim corria também a fama dos campainheiros de Maçainhas.

Summary

It is believed that the manufacture of bells in Maçainhas (county of Guarda) began approximately one hundred and fifty years ago. This was due to the natural relationship that existed between the local brazier workshops and the bell-founders, who used to meet there occasionally.

Relying on the orders placed by the Serra da Estrela shepherds, this craft, which had a guaranteed profit, was developed by several families.

At these small workshops one could always find a casting bench with many wooden casting boxes – male and female. The moulds, as well as tiny tools, an oven, tongs and a shovel for the spurt, were kept in these boxes.

The individual bells, or the sets of 13 units, were bought by the shepherds at the regional fairs. They were also delivered to great distances to the flock owners or to traders that ordered them.

The bells, hung by leather chains on the sheep's or cows' necks, were used for an amusement purpose or for a more pragmatic one – to report the livestock's presence as well as its track.

By **Alberto Correia**



7. Campainhas de Bronze

Função	Localizar os animais (ovelhas e cabras)
Matéria-prima	Estanho e cobre = bronze
Medidas	[Alt. 12 Cm; Larg. 9 Cm] a [Alt. 3,2 Cm; Larg. 3 Cm]
Peso	350 g a 25 g
Artesão	Antônio Bernardo Fonseca
Morada	Rua Direita
Freguesia/Concelho	Maçainhas/Guarda





Contactos

Câmara Municipal da Guarda | Núcleo de Animação Cultural

Tel. 271 205 540

nac-guarda@mail.telepac.pt

Junta de Freguesia de Maçainhas

Tel. 271 214 936

juntadefreguesia@hotmail.com

Cobertores

José Pires Freire

Tel. 271 212 678

José de Almeida Tavares

Tel. 271 213 846

Campainhas

António Bernardo da Fonseca

Tel. 271 215 116

Turismo em espaço rural

Quinta do Ronfrio

Tel. 271 598 153

Patrocínio



Apoio

Têxteis Jofrei | Maçainhas

